FON FON
ANNO XXVII - N. 33
Rio, 19 - Agosto - 1933
PREÇO: 1$000

O CONTO BRASILEIRO

O menino que queria ser palhaço...

(ao autor de "Menino de Engenho")

De Fran Martins

GERALDINHO fechou a porta e transpôz a sala, pé ante pé, os minusculos tamancos nas mãos, para não fazer ruido. Dona Cesaria adormecêra naquelle instante.

Geraldinho é o menino que queria ser palhaço. A sua pequenina cabeça já estava cheia de sonhos. Sonhava viver em circos para usar umas pernas de páu, altas, muito altas, tão altas que chegassem perto do céo. E, tambem, para dizer prosas com todo o povo, e provocar gargalhadas sem fim, dessas que fazem perder a cabeça.

* * *

E a idéa de tornar-se "clown" dominava todo o Geraldinho. Não havia circo na cidade que o não tivesse como espectador. Nem palhaço sahia á rua sem que elle lá estivesse, no meio dos moleques, fazendo a "reclame" da noitada.

Devia ser bom, ser palhaço, — pensava Geraldinho. Ter sempre em roda de si uma chusma de admiradores. Fazer com que as moças venham correndo á janella, para ouvir os seus ditados. E provocar o riso de todos, com as pernas muito longas e a cara de meia lua.

E Geraldinho embrenhava-se nos seus pensamentos. O palhaço era a alma do circo. A vida das "funcções". O encanto das noitadas.

Quando a moça andava no arame, elle se punha em baixo, o chapéo nas mãos, para aparál-a. Quando os artistas trepavam no trapezio, elle levantava a aba de um avental, simulando uma rêde, para evitar-lhes a quéda. E o respeitavel publico, nas archibancadas e nas cadeiras, em todos os cantos, redobrava em gargalhadas: Quá!... Quá!... Quá!...

Como seria bom ser palhaço!

* * *

Geraldinho, muitas vezes, via, em sonhos, satisfeitos os seus grandes desejos.

Num momento, surgia um fantasma, alto e branco, que se parecia immensamente com elle. E o vulto rompia em brados, voltado para a garotada, entoando as cantigas de ponta de rua:

— Hoje tem espectaculo?
— Tem, sim-sinhô!
— A's 8 horas da noite?
— Tem, sim-sinhô!
— Hoje tem coisa bôa?
— Tem, sim-sinhô!
— óia a negra na janella
— Tem a cara de panela!
— óia a negra no portão...
— Tem a cara de torrão!
— Ô raio, ô Sol,
Suspende a lua...
— Bravo do palaço
Que anda na rua...
— Ô raio, ô Sol...

* * *

Mas, dona Cesaria não queria que o Geraldinho frequentasse os circos. Prohibia-o assistir a todo espectaculo. Não o deixava seguir os garotos na rua. No emtanto, o menino fugia de casa, para applaudir de perto o grande animador da cidade.

* * *

Dona Casaria queria que o Geraldinho ajudasse missa. Mas, o garoto não dava para aquillo. Quando, ás vezes, o padre dizia:
...— *Dominus vobiscum!*
Respondia, baixinho:
— Tem, sim-sinhô!

* * *

Felizmente, dona Cesaria estava muito doente. Assim, apenas chegou um novo circo, Geraldinho poude seguir á vontade o palhaço.

Mas, em breve, de tudo se enfastiou. Houve uma transformação cuja causa não poude atinar. Já a mãe não o reprehendia mais: tudo perdêra a graça. E o palhaço lhe parecia um individuo muito triste, que era forçado a fazer graças, para ganhar a vida. ...

Naquella noite, estava annunciado um grande espectaculo. Geraldinho sentiu reviver em si o fogo do enthusiasmo antigo. E fugiu para ir ao circo. Fechou a porta e transpôz a sala, pé ante pé, os minusculos tamancos nas mãos, para não fazer ruido.

* * *

Geraldinho chegou ao quadro da matriz.

As lamparinas que illuminavam o circo pareciam-lhe velas votivas de cemiterio, na noite de Finados. O zum-zum do povo lhe dava a impressão de cochichos sobre uma cousa muito tragica, que acabava de acontecer. E elle não sabia como lhe vinham taes comparações.

Em breve, surgiu o palhaço. Entretanto, Geraldinho não sentiu nada de emoção á vista daquelle homem que tanto o fizéra rir. O palhaço fitava-o longamente, e Geraldinho foi criando médo, receio inexplicavel daquelle vulto muito branco, de sapatos compridos e cara de meia lua.

E, sempre que o olhava, via no palhaço uma semelhança comsigo. Certamente, quando crescesse, ficaria daquella maneira. E um grande terror se apoderou de Geraldinho, terror de s i mesmo, transfigurado no homem tragico que fazia graça.

Uma nuvem de lágrimas cobriu-lhe os olhos. Quando o povo mais applaudia o "clown", Geraldinho rompeu em chôro, convulso. E abriu caminho entre os espectadores, numa carreira desabalada para casa, horrorizado com aquelle vulto branco, que se parecia com elle e cuja vida, dias atraz, fôra a aspiração do seu futuro.

* * *

Nem se lembrou que dona Cesaria dormia. Atravessou a sala correndo, soluçando alto, e abraçou-se á pobre mãe, sem murmurar palavra. Mas, dona Cesaria continuou na mesma posição, fria e pallida, porque naquella hora já não pertencia ao numero dos vivos: estava bem longe, muito distante, pertinho, pertinho do céo...

O GENRO

ADOLPHO. — Olha, Heleninha, eu vou ser franco... Quando tu me disseste: — "Moraremos com papae e mamãe", eu vi o céo aberto, porque me doia nalma que tivesses de passar necessidades, já que meu ordenado não é o que eu quizéra... Mas agora, realmente, as coisas vão ficando muito mal e eu considéro prudente uma discreta retirada...

Helena. — Porque tú es muito implicante... Em toda parte vês sombras, pouco caso, indifferenças... Si papae espirra, achas que elle o faz com má intenção. Si mamãe tosse, a mesma coisa... Devias não dar importancia á essas insignificancias.

Adolpho. — Achas, então, insignificancia que eu dê bom dia a teu pae, e elle me responda com um grunhido, quando respondo?... E que, quando nos sentamos á mesa, faça uma cara de poucos amigos?... E que só abra a bôcca para comer?... Ora!... Eu não quero que elle me trate como "hospede de honra", mas tambem não sou um cachorro...

Helena. — Conhecias de sôbra o genio de papae... Elle sempre foi assim: de poucas palavras.

Adolpho. — Si agora já não fala!... Muge ou grunhe!... E eu tambem tenho vontade de dizer *Múúú!* ou *Grrrr*, para imital-o... Alem disso, Heleninha, eu não me encontro a gosto, não tenho liberdade para mandar um criado...

Helena. — E' claro!... Si queres impôr-te...

Adolpho. — Não é isso... A' hora da refeição, por exemplo, si os cigarros me acabam, e eu estou em *minha* casa, mando a criada compral-os, e está tudo arranjado... Mas aqui, si dou tal ordem, teu pae me olha de soslaio e tua mãe começa com essa tossezinha, como a dizer: — "Cuidado!... Aqui você manda menos que um gato!"

Helena. — São supposições tuas... Mamãe é incapaz de pensar semelhante coisa.

Adolpho. — Sim, sim... E quando ella começa com as *allusões*: "Os homens que não podem manter decentemente um lar não deviam casar... Eu, si fosse homem, não moraria nunca com meus sogros... Quem casa, quer casa..."

Helena. — Ella diz isso sem intenção...

Adolpho. — Pobrezinha!... Por que havia de dizel-o?... Si é um anjo!... Um anjo que, si me sirvo

De Fanfreluche

duas vezes de assado, fala do "pouco educadas que são certas pessôas, que comem como boi, sem pensar nos outros"... E ainda dizes que não tem intenção!...

Helena. — Por tudo te melindras!... E's tambem muito sensivel...

Adolpho. — Sou apenas digno... Que diabo!... E, depois, vivo contrariado o dia inteiro. Teu pae gosta de meia-luz. Eu gosto da luz inteira. Tua mãe apanha uma pneumonia si o ventilador trabalha. Eu tenho um ataque de asphixia, si elle não funcciona... Teus paes jantam ás sete. Eu gosto de jantar ás nove... Ha dois annos que não posso mover-me como desejo, estirar-me em um sofá, bocejar si tenho vontade, andar de pyjama e chinellos... Dois annos como visita, com a aggravante de receber delicadezas a toda hora... E', positivamente, intoleravel!

Helena. — Que queres então?... Que nos mettamos num appartamento interior?

Adolpho. — Em bôa hora!... Pelo menos, poderei servir-me de assado as vezes que queira, sem ver cahirem sobre mim olhares de indignação!...

Helena. — Si pudermos comer assado; porque, teu ordenado não chegará nem para pagar o aluguel... Foi por isso que eu quiz morar com papae e mamãe. Isso para nós representava uma grande coisa... Casa paga, criados, luz, comida, conforto...

Adolpho. — Só si fôr para ti. Porque, quanto a mim, até para espirrar tenho que metter-me debaixo da cama, porque tua senhora mãe se assusta...

Helena. — E' que teus espirros parecem tiros de canhão...

Adolpho. — Não posso remediál-o... Occorria o mesmo com meu pae e meu avô... E' de familia...

Helena. — Bem. Terminaste? Porque eu tenho que vestir-me.

Adolpho. — De maneira que nada se resolve?

Helena. — A menos que arranjes um ordenado de dois contos de réis... Eu não vou perder as commodidades a que me habituei toda a vida...

Adolpho. — Bem.. Nesse caso, perderás o marido... Porque o papel de *genro mendicante* poderá servir para os sem-vergonhas... mas não para mim!

DESTINOS

MINHA pequena amiga.

Para ter a certeza de que os teus bellos olhos cocainados acompanharão as minhas phrases até o fim desta carta, vou fazer o possivel para que ella seja um tanto literaria, embóra eu esteja firmemente persuadido de que as cartas mais simples são, quasi sempre, as mais sinceras.

Hoje, recolhi-me tarde, e como a noite, entorpecida de silencio, tornou maior a saudade da tarde côr de glycinia em que nos falámos pela ultima vez, senti uma infinita necessidade de escrever-te.

Lá fóra o luar projecta num muro caiado a silhueta obliqua de um gato. Um guarda-nocturno, de rosto côr de marfim velho, com um cigarro espetado sob os bigodes, sonha encostado a um poste, dentro da noite gelada, com um eldorado suave, d'onde o frio fôsse banido e as séstas modorrentas, em leitos flácidos, não tivessem fim.

A nossa vida está sempre errada... Si nós pudessemos, bem que a passariamos a limpo!...

Mas, como isso é impossivel, devemos resignar-nos a tudo, pois poucas vezes seguimos as advertencias da intuição, esse sexto sentido que, — segundo Maurice Dekobra, — é um verdadeiro agente de seguros contra os accidentes dos transportes passionaes.

Aquelle guarda-nocturno, por exemplo, talvez tenha nascido destinado a outros mistéres mais confortaveis. Talvez fôsse hoje, si não o contrariassem circumstancias independentes da sua vontade, um poetico distillador de perfumes ou um costureiro estheta, desses que, com alguns palmos de fazenda, transformam u'a mulher e, ás vezes, até mesmo o destino do homem que a ama... Na sua mocidade, porém, elle conheceu u'a Maria qualquer. Uma coisa que elle não sabia explicar o que era — uma coisa que se perdia no meandro complexo da sua intuição — dizia-lhe, intimamente, que aquella mulher, entrando para a

A esposa do dono do cavallo derrotado nas corridas (procurando consolar seu marido). — Nenhum cavallo poderia ter-se portado melhor do que o teu, Arthur. Si até se desembaraçou de seu Jockey para poder correr melhor!

ERRADOS...

sua vida, iria fatalmente modificál-a... Elle, porém, não se conformou com essa advertencia...

E a sua vida, de facto, se modificou...

Todos nós, minha pequena, em certos momentos, sentimos que falhámos, pois quizéramos que o nosso destino fôsse outro...

Commigo aconteceu uma coisa estranha: eu sabia que, si renunciasse ao teu amôr, jámais seria feliz. No emtanto, inexplicavelmente, renunciei... Lembro-me até quando resolvi fazêl-o.

Foi num domingo, durante um passeio de automovel em companhia de tua irmã e do meu amigo Alberto. Levavas comtigo um livro de Balzac e um pequeno caderno cheio de phrases intelligentes. Sob um céu azul como uma planicie de neve beijada de luar, a tua alma cantava. Eu ouvia-te com avidez. Toda a minha sensibilidade vibrava.

Era tal a affinidade de nossas almas, que eu adivinhava o que me ias dizer. Nunca, como nessa manhã, eu experimentára a sensação do homem que sente a sua personalidade desdobrar-se. Houve um momento em que eu tive a impressão nitida de que a nossa alma era uma unica alma...

Então eu, que conheço de sobra a parabola do amôr, senti um medo enórme de perder-te mais tarde, tarde demais, quando já não me fôsse possivel viver sem ti... E, ao envés de viver a teu lado, perigosamente, como pretendia Nietzsche que se vivesse, preferi viver só, dolorosamente... E renunciei ao teu amôr.

Hoje, em meio da minha incuravel tristeza, que me faz pensar, como Guido da Verona, que "io sono malato de malinconia", sómente uma coisa me consola: o ter evitado ao meu amôr o contacto aviltante da realidade, pois, nas minhas largas insomnias, acabei por comprehender que é na renuncia que está a verdadeira belleza, a mais terna poesia de certos amores...

Brenno Silveira

— Não se alarme, cavalheiro, por ver-me assim. Mas é que sua filha gostou de mim quando eu estava com esta roupa de banho, e eu quero manter a bôa impressão...

DE UMA A OUTRA MULHER

"Não, querida... para o meu rosto jamais faço uso de cremes. Antes o fazia... é claro: era mais joven e ainda sem experiencia. Os cremes e o pó, ao obstruirem os póros, causam a ruina de toda bôa cutis. Desde ha annos me trato muito e... si conservo a cutis fresca é porque todas as noites, antes de deitar-me, applico-me um pouco de Cera Mercolized, a qual retiro de manhã com agua morna.

Como vês, isto não tem nada de artificial nem de difficil. A Cera Pura Mercolized elimina toda a tez morta, e a essa cera devo o ter o "rosto de uma joven de menos de 25 annos" que tu tanto admiras. Eu obtenho a Cera Pura Mercolized em um magazine, porem creio que se vende tambem em todas as pharmacias e outras casas que negociam em artigos de toucador.

Si se deseja obter o colorido "natural" da cutis não se deve fazer uso de rouge; ha que applicar-se em troca, o pó de "Carminol" puro.

A Cera Mercolized, é vendida no Brasil pelo preço de Rs. 12$000 e 7$000

Os banhos no inverno

O brasileiro herdou, dos seus antepassados da selva, uma nobre e marcante qualidade: o amor á agua, amor que os dias escaldantes de calor largamente estimulam.

Muitos povos europeus desconhecem a virtude e o gosto de cahir sob o chuveiro ou de se precipitar numa banheira. Um illustre educador francês, num livro recente, dizia, muito serio, que era de toda conveniencia tomar-se pelo menos um banho de corpo inteiro por semana.... Uma estatistica official feita em populoso e discutido paiz do Sul da Europa achou uma media de um banho de dois em dois annos para cada habitante do paiz...

Comprehende-se, naturalmente, esse não exaggerado amor pela agua, fria ou quente, pelo clima. Paiz frio, desamor á agua. Comprehende-se, mas não se justifica. O banho não foi feito somente para refrescar. Mais ainda: não foi feito somente para limpar. Si nas estações frias a transpiração é menor e menos agressiva, nem por isso torna-se obrigatorio enferrujar as molas dos chuveiros, pelo seu esquecimento e desuso. O banho tem uma funcção especialissima como estimulante da circulação, da pelle, dos musculos, das glandulas, dos nervos... E' um multiplicador de energia que não deve ser desprezado, mesmo nos dias mais frigidos do anno.

Nada ha para emprestar bôa disposição ao organismo nem apparencia mais saudavel como o banho matinal. O brasileiro pode-se gabar de ter uma media de banhos muito superior á de muitos povos mais illustres. Os sabonetes, aqui, desde o Gessy aos mais desconhecidos, têm sahida alta e compensadora. Mas é justo que no inverno não se procure imitar, no temor ao chuveiro, certas civilizações tradicionaes... Já custa tanto imitar outros defeitos...

saibam todos...

I. P. (Minas) — Não compreendo o motivo por que escreve na sua carta rosea: "Não estou zangada com o seu modo de agir com esta indefesa coleguinha..."

Palavra de honra! Quequer v. ex. dizer com a sua queixa?

Agir? Que chama agir, nesse caso? Que fiz eu á sua pessôa?

Recebi, ha dias, uma carta sua, na qual vinha um retalho de jornal do interior, e uma opinião sobre o meu romance "Uma garçonne carioca".

Ora v. ex. diz: "A sinceridade das Evas, sempre posta em duvida, não é bastante para merecer a solicitude que em certas ocasiões se imporia... só porque disse a minha opinião sobre sua filha (*honny soit qui mal y pense*...) "Uma garçonne carioca"...

Engano. Eu não me podia incomodar com a sua opinião, porque tenho já recebido centenas de opiniões como a sua e, para mim é cmo si as não tivesse recebido.

Eu me incomodo com a opinião dos que lêem o meu romance, e o entendam, na sua alta finalidade moralistica. Escrevi um romance, onde me propuz deixar uma lição ás jovens inexperientes, vitimas da miseria dos homens. E esperei que ellas percebessem a minha intenção. Para chegar ao fim a que me destinei, fui obrigado a "appeler un chat un chat"; isto é, fui forçado a dar ás coisas o seu nome proprio, pintando as cenas, os fatos, as situações e os caractéres como deviam ser pintados.

Ninguem, de mediana ilustração e cultura, teria a coragem de dizer que um livro de medicina legal, de higiene ou anatomia, era uma obra imoral ou perniciosa, por dizer os nomes das coisas, conforme eles são.

E por que? Por que, o que se vê, em tais casos, não são os processos, os meios, a formalistica; o que se vê, e deve-se vêr, é a finalidade, a intenção, o objetivo principal que se tem em mira.

O mais é hipocrisia. E quando não se trata de hipocrisia, é porque, certamente, ha pouca mentalidade, inteligencia pouco prênta para apreender a elevação de determinados problemas sociais.

De modo que, a sua opinião, sendo uma opinião sem responsabilidade literaria, e que em nada poderia influir sobre a minha humilde obra, eu não a poderia levar em conta, como levo a do notavel critico Heitor Moniz, que tão bem a compreendeu, e do não menos ilustre medico e sociologo Americo Valerio, que a considéra uma obra freudina, e, consequentemente, cientifica, no que diz respeito ao estudo da "garçonne" e os outros personagens.

E a melhor prova ainda de que a sua opinião não me impressiona, e não me leva a hostilizar a sua pessôa é que aqui estou a lhe responder com a maior alegria e encantamento.

Escreve ainda v. ex.:

"As mulheres são teimosas — ha 2 mil annos! — e por isto lhe envio hoje mais uma de minhas cronicas; apenas peço-lhe, Mestre, q a leia; tambem desejaria saber q destino teve o "pedacinho d'alma" q lhe mandei. Não se arrependerá de me responder; si lê tão bem, atravez a grafia, já saberá q esta sua impertinente coleguinha não é interesseira nem hipocrita: toda expontaniedade e idealismo.

Não sei porq simpatiso tanto com o illustre Yves! talvez porq se parece com.."

Fala em grafologia... Mas para quê? Si v. ex. conhecesse tal ciencia, haveria de ficar alarmada com o que a sua letra significa.

Faça, porém, uma experiencia: envie-a a um grafologo honesto e competente. E depois queira remeter-me o resultado, com a firma do autor do estudo reconhecida pelo tabelião.

Dou-lhe um doce si v. ex. fizer essa bela proêza...

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 61

Caixa Postal 97

Telephones: 2-4136 e 2-9706

FON-FON — 19-8-933

Data da consulta...

Nome do consulente...

. . . .

PERCI (Capital) — E' curioso como os principiantes, na sua maioria, entendem que estou aqui, unicamente para tratar dos seus interesses. Meu caro, o meu papel, nesta pagina, é apenas informar os leitores e guial-os naquillo em que o *Fon-Fon* lhes possa auxiliar. Eu sou um representante da revista, encarregado de prestar determinados serviços aos nossos leitores.

Mas, daí a ser professor de literatura ou Mecenas, é excessivo. Eu não ganho para tal. Em bôa regra, eu julgo apenas os trabalhos que me são confiados. Venham diretamente á minha mesa, pelo correio, ou por intermedio da secretaria do jornal. E é só.

Ha colaboradores que exigem de mim, o seguinte:

1º — que lhes julgue os trabalhos;

2º — que, no caso de estarem defeituosos, eu os concérte, remodéle, etc etc.

3º — que os publique, com brevidade e em *bom logar* da revista;

4º — que os originais, finalmente sejam ilustrados.

Alguns, nada ingênuos, querem remuneração.

E depois ainda ha quem me censure, achando que sou violento, que ataco os poetas, que não auxilio os neófitos e mais isto e mais aquilo...

Eu só desejaria é que os meus censores se sentassem, nesta mesa, ao menos uma semana. (Entre parentesis: eu me sento nela ha onze anos...) Imaginem o estado dos meus nervos...

Vamos porém, ao seu caso, *conteur* ilustre.

Aqui está um trecho — só um trecho de carta que me dirige:

. . . .

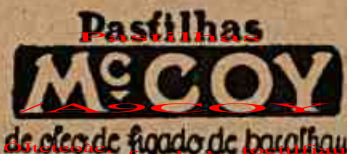
"Criança ainda, no verdor da infancia, tinha, tão cedo, a infelicidade de sonhar. E esperava aridamente o *Fon-Fon*, aos sábados,

(*Continúa na pag. seguinte*)

QUEM E' ESTE MAGRICELA MARGARIDA?

Diga-lhe que tome o oleo de figado de bacalhau durante varias semanas, pois é necessario que cubra seus ossos com varios kilos de carnes, se quizer ter o aspecto de um homem. — Diga-lhe que é a melhor maneira de adquirir alguns kilos de peso.

Diga-lhe que não será mais preciso engulir esse oleo de gosto tão repugnante por que agora já se póde tomar o mesmo oleo de figado de bacalhau com todos seus maravilhosos elementos em pastilhas cobertas de assucar, tão agradaveis de tomar como os confeitos.

Diga-lhe que encontrará as Pastilhas McCoy de oleo de figado de bacalhau em todas as farmacias. — Qualquer pessoa, homem, mulher ou creança, aumentará de peso em 3 ou 4 semanas e ficará robusto e são. — O Sr. Deoclecio Pemidio, rua Demetrio Ribeiro, 756 — Porto Alegre — Sul — sentia grande exgotamento. Com o uso das Pastilhas McCoy de oleo de figado de bacalhau conseguiu um aumento de peso de 71 kilos para 79 1|2 kilos e está de todo restabelecido. — As creanças debeis se robustecem e crescem rapidamente com as Pastilhas McCoy.

para ler a secção que V. notabilizou, ainda no tempo em que não era illustrada com aquela respeitável matrona a rufar um tambor...

E deleitava-me com as cartas cheias de poesia e delicadeza que V. recebia de leitoras inteligentes e com as respostas elevadas e talentosas que sua pena brilhante bosquejava. Lembra-me uma que — não me recordo bem do nome— lhe escrevia umas encantadoras missivas, que nós todos liamos cheios de prazer e que um dia se foi, desapareceu, tanto é breve a Felicidade...

Havia outra — lembra-se Yves? — com quem V. sempre irônico e fino pilheriava, figurando-a uma quarentona, de grandes laçarotes vermelhos — Saionára, não é? — e que acabou conquistando de V. grande simpatia e admiração.

E, hoje, Yves, quem comparece perante o tribunal-de-letras do *Fon-Fon* sou eu.

Resigno-me, meu caro. Tinha que ser.

E o que eu espero de sua bondade é o juizo critico sôbre o trabalho anexo. Se o faço, é porque sei a quem me dirijo. Ponho-lhe nas mãos, a minha iniciação literaria. E, se V. achar-me digno de dicipulo, rogo-lhe a fineza de me dar a honra de vir a conhê-lo pessoalmente.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Sei que muitos que sobem — Sim, Yves, perdôe-me a imodestia, espero subir. Quem sabe? mais uma ilusão... — em breve, não só olvidam, mas até desprezam os que os auxiliaram. Não lhe irei fazer apologia das minhas qualidades. Mas, creia-me, não sou dos maiores ingratalhões. V., que é grafólogo, decidirá.

Finalmente, Yves, se V. achar merecedor das páginas do *Fon-Fon* o trabalho que lhe envio, peço-lhe que o publique. As iniciais, porém, da senhorita a quem o dediquei — bem sei que ela merece muito mais — rogo do seu cavalheirismo só venham a lume, caso o artigo tenha as honras de letra de fôrma.

E, nesta hipótese, imensa seria a minha satisfação de, imensamente grato, lhe apertar a mão generosa, não já como simples humilde admirador, mas ainda como bom amigo, tornando assim realidade um dos meus sonhos de criança.

E, desde já, Yves, suplico-lhe que me perdôe se o fatiguei com a minha desenxabida literatura e aceite os agradecimentos sinceros e profundos de um eterno leitor.— *Kylvio de Oliveira."*

Muito bem. Pode contar comigo. E para iniciar vamos ler o seu conto...

MEU SONHO DE CRIANÇA

Eu tive esta noite um sonho de criança.

Cuidei que a via num país encantado. Onde o ceu era verde qual o meu amor. E sempre bonançoso. Onde havia o perfume suave dos seus labios virgens. E jasmins. E lirios. E camelias.

Basta de camelias.

Como vê, poeta, isto é, sr. joven *conteur*, a sua literatura é ainda infantil.

E por mais que me interesse pelo sr. — no sentido de que aparecesse como literato, nas paginas do *Fon-Fon*, eu nada poderia fazer pelo sr. — com os seus jasmins, os seus lirios e as suas camelias.

Quem sabe? Talvez o sr. se arranjasse melhor, si recorresse a um chacareiro ou ao Mercado das Flores...

PARISI RONCOLI (3) — Não gosto do seu soneto passadista e vasado numa linguagem pedregosa, como está. O sr. é gongórico, apocaliptico, gorgulhante, e, quem lê o seu trabalho, tem a sensação de ser um britador mastigando granito. Veja só que coisa indigesta: "relampago flammeo." "A trovoada atróa unisona, funerea"... "do ergastulo do tedio heril"... "percorre a escarpa, e grita, e uiva e brame, e ulula"... "e do adito do O'reo"...

Parece que o sr. abriu o diccionário e catou tudo quanto era palavra difícil, atrapalhada, empanzinante, para arrumar no seu soneto, á maneira de calhaus...

Sim. Não gosto do "Extase de Satan"... Entretanto, si o sr. concertar aquela dissonancia "vingança aquila"... (caçula) eu publicarei o seu trabalho...

Está satisfeito.

Yves

A crise effectivamente continúa. Ella mesmo capaz de se obstinar ainda a continuar por mezes e annos consecutivos. Ha, todavia, um symptoma geral, que vem dominando e se impondo com irresistivel autoridade e que devemos notar, ou antes reter, com todas as nossas forças.

Já estamos ultra-cansados da crise, de suas consequencias catas-

trophicas, e de sua suggestão nefasta. Que fazer para nos safarmos desse labyrintho que parece não ter nenhuma sahida pratica e materialmente accessivel?

Homens de estados de todos os paizes civilizados correm mundo transportando com elles complicadissimo secretariados; encontram-se, em lugares pittorescos, e previamente fixados, com outros illustres homens de estado, de outros tantos paizes civilizados e lá se inutilizam resmas de papel, emquanto se despejam rios de saliva e de tinta, que não chegam a fixar o nó de um accôrdo plausivel. Assim se desenrolam em pura perda os congressos onde se discutem os *grandes problemas politicos e financeiros*. Muitas foram as tentativas, as propostas, as idéas; todas ellas, porém, impregnadas de tão profundo egoismo nacionalista, que a probabilidade de vermos surgir a aurora do pacto suavizador dos nossos males permanece ainda nas camadas das cousas inattingiveis.

Sonhei, uma noite destas, que os homens, aplacado emfim o espirito de ganancia, causa primordial do *Nó Gordio* que ninguem mais sabe desfazer, acceitaram a idéa de adoptar um typo unico de moeda sem levar mais em conta o padrão ouro.

Os valores eram equivalentes; o mil reis valia uma libra esterlina, assim como o franco tinha o valor do dollar, da piastra, ou de um rublo. A vida, como por encanto, tornára-se suave, facil e agradavel. Somente o trabalho e o merito individual eram automaticamente recompensados com perfeita equidade e as preferencias dos compradores iam naturalmente ás melhores offertas e aos productos mais apurados.

Ai de mim!.... O sonho não passou de sonho e o despertar encontrou o identico ar cheio das angústias que nos suffocam! Que fazer? Ninguem mais póde aturar este ambiente de *crise* e a suggestão espiritual e moral que nos atormenta. E' preciso reagir e, aliás, parece que no mundo inteiro já se tomou o partido salutar de viver como si a crise não existisse! Pelo menos, as populações começam a se habituar ao *statu quo* e já vivem como si de facto ella fosse um mytho.

Calculem o quanto essa megera deve se sentir humilhada! A orgulhosissima *crise*, que pretendia dominar povos e governos, e que povos e governos acabaram por considerar como fazendo parte integral do estado normal dos nossos dias! Só assim ella perderá todo o prestigio, a celebridade, e o maleficio! Ficará, talvez, reduzida, um bello dia, a desapparecer obscuramente, por falta de quem lhe attenda. Resta-nos ainda caminho a percorrer antes de lá chegar.

De Itavaz

E' um facto incontestavel, no emtanto, que, com estes bellos dias de céu azul, o mundo parece querer desafiar a crise... Todas as cidades têm um ar de festa. Ha bandeiras, flôres, attracções sportivas de norte a sul! A efervescencia do prazer renasce imperiosamente. Cinemas e theatros regorgitam de povo sequioso de distracção e de pensar noutra cousa.

A FILHA DO MILLIONARIO — Papae perguntou si você não teria vergonha de pedir a minha mão.
— Vergonha, por que? Não sou joven, forte etc.?
— Pois é precisamente por causa disso. Elle diz que você ainda poderia muito bem trabalhar...

Recantos de provincia, que pareciam ter cahido em profunda lethargia, reabrem os olhos com nova vida, estão animados, vivos, amaveis... As lojas remoçam. As vitrines seduzem. As ruas têm eloquencia. Emfim, a humanidade quer divertir-se e todos procuram fazel-o debaixo de um bom humor collectivo, de uma especie de *unanimismo*, como dizia Jules Romain, essencialmente sympathico.

Parece que sumiram para sempre certas creaturas abafadiças, que, em todas as circumstancias amenas, na cidade ou no campo, achavam invariavelmente que... *não era este o momento...* que *não valia a pena...* que *o espirito mudára...* etc., etc!

Graças aos céus, todos reconhecem, hoje, que um esforço merece a pena de ser tentado. Tenta-se, e descobre-se que se consegue! Consegue-se mudar a face carrancuda de uma cidade ou de uma villa... transforma-se o estado dalma de um commerciante ou de um cliente, desde que se queira intensamente conservar o sorriso interior!

Percorri ultimamente cidades da provincia sob um céu fresco, com tonalidades opalinas, de um divino encanto! As rosas perfumavam os jardins; (Não ha crise para as rosas!...) As arvores vergavam sob o peso das fructas saborosas! (Não ha crise para as fructas...!) O arroz e o milho, cerrados e maduros, douravam ao sol... (Não ha crise para a fertilidade...) E por toda a parte o homem desejava inconscientemente se associar ao cantico de amôr da natureza!

Folhagens entrelaçadas ainda correm ao longo dos caminhos. Dançam os moços aqui e além, e a musica não é triste. Ha quem ainda saiba rir, e a risada não é de encommenda. Já estamos fartos de verter lagrimas sobre as crises.

Vamos agora vencêl-as com um pouco de bom humor!

O marido (*que está fazendo preparativos para uma viagem de férias*). — Os Lopes vão ficar com o gato, os Gonçalves tomam conta do louro, e tua mãe ficará com o pequeno, não é assim?
A esposa. — Exactamente.
O marido. — Então, por que não ficamos, calmamente, em casa?

M O N O T O N I A...

DE EVAGRIO RODRIGUES

Monotonia...
Monotonia de se olhar perdidamente,
vagamente pelo vidro da janella:
as ruas desertas,
a chuva irritante cahindo do céo côr de cinza
e os pedaços de papel por sobre as aguas,
brincando de embarcação nas enxurradas...

Monotonia das horas passando velozes,
das pancadas certas do relogio
augmentando os minutos de tristeza,
diminuindo os segundos de alegria...

Monotonia de reler cartas de amor
num dia de chuva, assim,
para depois rasgál-as...
...Sempre as mesmas banalidades,
as mesmas ternuras,
as mesmas promessas mentirosas...

Monotonia...
Monotonia de se olhar um retrato,
olhal-o longamente,
enternecidamente
e depois encher os olhos de lagrimas...
Monotonia divina é a gente pensar,
recordar alguem que nos foi tudo na vida
e chorar, intimamente, baixinho...

A CASAMENTEIRA

Rosita era tão mimosa, tão bonita!...

Os olhinhos negros, a bôcca rosada, o cabello sedoso e o seu coração de ouro irradiavam um quer que fosse de incomprehensivel!

E o maior prazer da vida de Rosita era innocente: ella gostava de aproximar de uma amiguinha, um rapaz, pra que se amassem e depois se unissem. Isto lhe era uma immensa satisfação!

Tornou-se conhecida como casamenteira! E quantos casamentos originou!...

Parecia ser esse o seu destino.

A cada matrimonio mais, que lhe era devido, sorria, de um sorriso franco e feliz!

E casando os seus amigos, Rosita se esquecia de sua pessôa, esquecia que era tão bonita tambem!

Quando Carlinhos a conheceu, viu-se alvo de um olhar que não comprehendeu bem...

E' que Carlinhos a amára, mas pensou depois: Rosita era bôa demais para um simples mortal como elle!

O tempo passou. Nitinha, sorrindo, veiu pedir a Rosita que a aproximasse de Carlinhos e fizesse mais esse casamento.

Rosita, sem querer, estremeceu!... E, como a amiga insistisse, foi hesitante que murmurou sim.

Carlinhos, por causa da casamenteira, veiu um dia a gostar de Nitinha e com ella se casou.

Rosita fizéra mais um casamento. Um casamento igual aos outros que lhe haviam dado tanto prazer! Cumpriu o seu destino.

Mas, dessa vez, ella não sorriu, não. Uma lagrima rolou-lhe dos olhos. Era uma lagrima que vinha do coração...

WALTER DE SEQUEIRA

Notas de ARTE

GRANDE COMPANHIA LYRICA DO THEATRO MUNICIPAL — "MANON" DE MASSENET — Com a sala inteiramente cheia e ansiosa pela estréa da cantora Mafalda Favero, abriu-se o velario do Municipal em a noite de 8 de agosto para a representação da *Manon* de Massenet, sob a regencia do mº. Arturo de Angelis.

Musica deliciosa, com todas as qualidades e com poucos defeitos da opera melodica, *Manon* é das mais queridas de todos os publicos. Com quasi meio seculo de vida — pois foi cantada pela primeira vez em Paris, na Opera Comica, a 19 de janeiro de 1884 — ainda não envelheceu. Apesar do que possa haver de justo em certas criticas pejorativas, o certo é que estas desapparecem diante do encanto communicativo de toda a composição, tauxiada de melodias e harmonias tão claras, tão limpidas que dão ao ouvido a faculdade de ver. E' a cor do som que nos impressiona e nos enleva na obra de Massenet. Mais sensual que sentimental, a musica do mestre francês adapta-se plenamente á intriga da celebre *Historia de Manon Lescaut*. De sorte que hoje se não separam os dois poemas. Lendo o romance de Prévost, ouve-se a musica de Massenet, e ouvindo-se a musica de Massenet, lê-se o romance de Prévost...

A edição da opera que nos deu a Grande Companhia Lyrica do Municipal se não foi, dado o alto valor dos interpretes, das mais louvaveis e louvadas, não deixou de agradar e ser applaudida, e mereceu mesmo invulgares ovações quando os artistas Gigli e Favero tocaram ao apogeu da sua arte.

Mafalda Favero, bello soprano e soprano bello, encarnou com belleza lyrico-dramatica a famosa heroina. E se criticos exigentes podem fazer certas restricções na interpretação de algumas, na maioria das scenas só merece louvores. Assim foi na celebre aria — *Addio, addio, o nostro picciol desco* (*Adieu, notre petite table*), vivida com impressionante poder emotivo e ainda em quasi toda a *Gavotta*. Mas onde a artista attingiu aos cimos da arte, emocionando e empolgando a assistencia inteira que a cumulou de enthusiasticos e intensissimos applausos, foi na scena de seducção do 3º acto, no grande duo do Seminario de S. Sulpicio entre Manon e Des Grieux — *Tu!... voi!... te qui?* Não nos lembramos de a ter visto melhor vivida do que a viveu Mafalda Favero. Applaudindo a ambos os cantores, o publico no entanto quiz significar especialmente á notavel artista a sua admiração, chamando-a só á scena e ovacionando-a delirantemente. E o delirio dos applausos foi largamente recompensado com o bis da artista agradecendo ao publico, todo elle transformado em Des Grieux, vencido pelas seducções de Manon...

Beniamino Gigli continuou a série de triumphos canoros, applaudido numerosa e intensamente do 1º ao ultimo acto. Excedeu-se a si mesmo na aria — *Dispari, o vision* e no *Sonho*, que foi obrigado a bisar. Bisando, substituiu com vantagem a letra italiana pela original franceza. Tanto mais bella quanto mais ouvida, a famosa melodia encontra em Gigli um interprete sem par. Dá-nos sensações de extase.

Lescaut encontrou no barytono Vittorio Bacciato apreciavel interprete e mesmo interprete distincto no quartetto do 2º acto, o quartetto da disputa — *Alfin, tortore mie*.

O baixo Giacomo Vaghi corporificou bem o grave e discreto papel do Conde, pae de Des Grieux, cantando com bella voz o duetto do 3º acto — *Bravo, figliuolo mio!*

E' de assignalar-se a belleza e a perfeição das damas, onde brilharam com o costumado brilho as solistas Luiza e Maria Carbonnel, e ainda as estreantes Moema e Ulmara Jussanan — todas discipulas de Maria Olenewa. E' de assignalar-se tambem a afinação, o equilibrio dos córos e a belleza e a propriedade dos scenarios.

A orchestra, sob a batuta intelligente do mº. A. de Angelis, correspondeu bem á excellencia vocal dos cantores.

O BARBEIRO DE SEVILHA. — Em 4.ª récita de assignatura foi cantada em a noite de 10 de agosto a celebre opera bufa de Giacomo Rossini — *O Barbeiro de Sevilha*, anteriormente chamada *Almaviva ou a Precaução inutil*, por deferencia ao velho mestre Paisiello, que escrevera opera homonyma, musicalizando tambem a comedia do mesmo nome de Beaumarchais. Conte embora mais de um seculo, precisamente 117

(Continúa na pag. seguinte)

NOTAS DE ARTE

(*Conclusão*)

annos feitos, pois foi estreada em Roma, no Theatro Argentina, a 6 de fevereiro de 1816, *O Barbeiro de Sevilha* conserva a mesma frescura, o mesmo viço dos primeiros dias; é eternamente joven.

Verdadeiro alumno e discípulo de Mozart, porque a sua cultura de autodidata elle adquiriu principalmente copiando e estudando as partituras de *Bodas de Figaro* e da *Flauta Encantada*, e porque a sua musica revela accentuada influencia do grande mestre allemão, que elle chamava — o *único*, e de cujo genio se acham impregnadas as suas principaes composições, muito embora sem sacrificar a propria individualidade — Rossini firmou a sua gloria eterna em duas obras primas, como taes reconhecidas por todos os criticos e proclamadas por todos os publicos — *O Barbeiro de Sevilha* e *Guilherme Tell*.

Foi a primeira dessas duas obras primas — escripta no curtíssimo espaço de 13 dias — que, numa das melhores edições, nos deu a Companhia Lyrica do Theatro Municipal, com a seguinte distribuição, e a regencia excepcional de Gino Marinuzzi: *Figaro*, — Carlos Galeffi; *Conde de Almaviva* — Alessio de Paolys; *Rosina*, Bidú Sayão; *D. Bartolo*, — Salvatore Baccaloni; *D. Basilio* — Giacomo Vaghi; *Fiorello* — Nello Polai; *Berta* — Gilda Colombo; *Sargento* — Nello Polai.

Galeffi foi bello interprete de *Figaro*. Superou com galhardia todas as difficuldades da celebre melodia — *Largo al factotum*. Pareceu-nos apenas que incommodo occasional não lhe permittiu ostentar o costumado brilho da sua bella e rara voz de barytono. Paolys foi apreciavel Almaviva. Agradou muito especialmente na cavatina do 1º acto — *Ecco ridente in cielo*. O baixo Baccaloni appareceu-nos como dos melhores interpretes de D. Bartolo. Primor comico e primor lyrico. Cantou e representou como poucos. O baixo Vaghi, um D. Basilio digno de todos os applausos que o saudaram. A famosa *Aria da*

RECORDANDO...

Quando saio a passeiar pelo quintal
Da casa onde eu morei ha muitos annos,
Vejo, bastante compungido, os damnos
Causados pelo tempo... atráz... fatal...

Tudo mudou: — a fonte... a velha estrada
Que outróra era tão limpa, no capim
Perdida, sem principio e sem ter fim,
Em meio á mataria já cerrada...

calumnia encontrou nelle um dos mais notaveis interpretes.

Mas a maior figura da noite foi incontestavelmente Bidú Sayão, que viveu com arte consumada a figura de Rosina. Apesar de possuir hoje bella voz de soprano ligeiro, adquirida pelo talento perseverantemente cultivado, o que se lhe admira mais é a arte de cantar. Era de vêr-se e de ouvir-se o requintado primor com que viveu a celebre cavatina do 2º acto — *Una voce poco fa*, e a *Scena da licção*, em que cantou a não menos celebre cavatina, tambem de Rossini, mas da opera "Semiramis" — *Bel raggio lusinghiero*. Numa e noutra vocalizou, phraseou com excepcional pericia. A sua voz manteve a mesma musicalidade, em todos os registros. Emittindo as mais graves ou as mais agudas das notas, não se lhe notava o minimo defeito. Foi toda essa perfeição canora, alliada á justeza, á vida intensa dada á personagem de Rosina, que provocou frequentes e enthusiasticos applausos. Entretanto, devemos dizer, com a sinceridade habitual, que, apesar da nossa emoção, da nossa grande emoção, foi esta menor do que a experimentada quando, ha tres annos, ouvimos a nossa gloriosa patricia nos concertos da Philarmonica, em 9 e 21 de dezembro de 1930. Por que? Não sabemos explical-o. Resultará a differença de termos agora ouvido a cantora de um balcão longinquo, quando então a ouvimos de uma poltrona proxima á ribalta? Ou será a nossa sensibilidade que tenha mudado? Ou ainda — a menos provavel das hypotheses — será por que Bidú Sayão empolgue mais na musica de camera do que na musica dramatica?

Seja como for, a nossa impressão comparativa em nada diminue para nós o valor, o grande valor da artista brasileira, que tão longe está levando o nome do Brasil no estrangeiro, como grande embaixatriz da arte nacional.

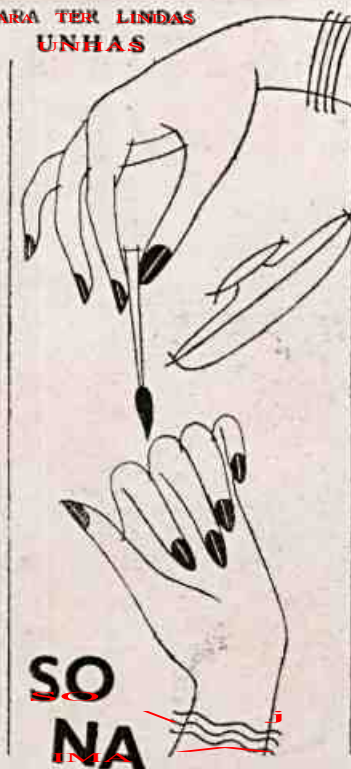
E' excusado dizer que no mesmo plano da cantora esteve a orchestra. E' de destacar-se especialmente o Prelúdio, que adquiriu valores novos sob a regencia magistral de Marinuzzi.

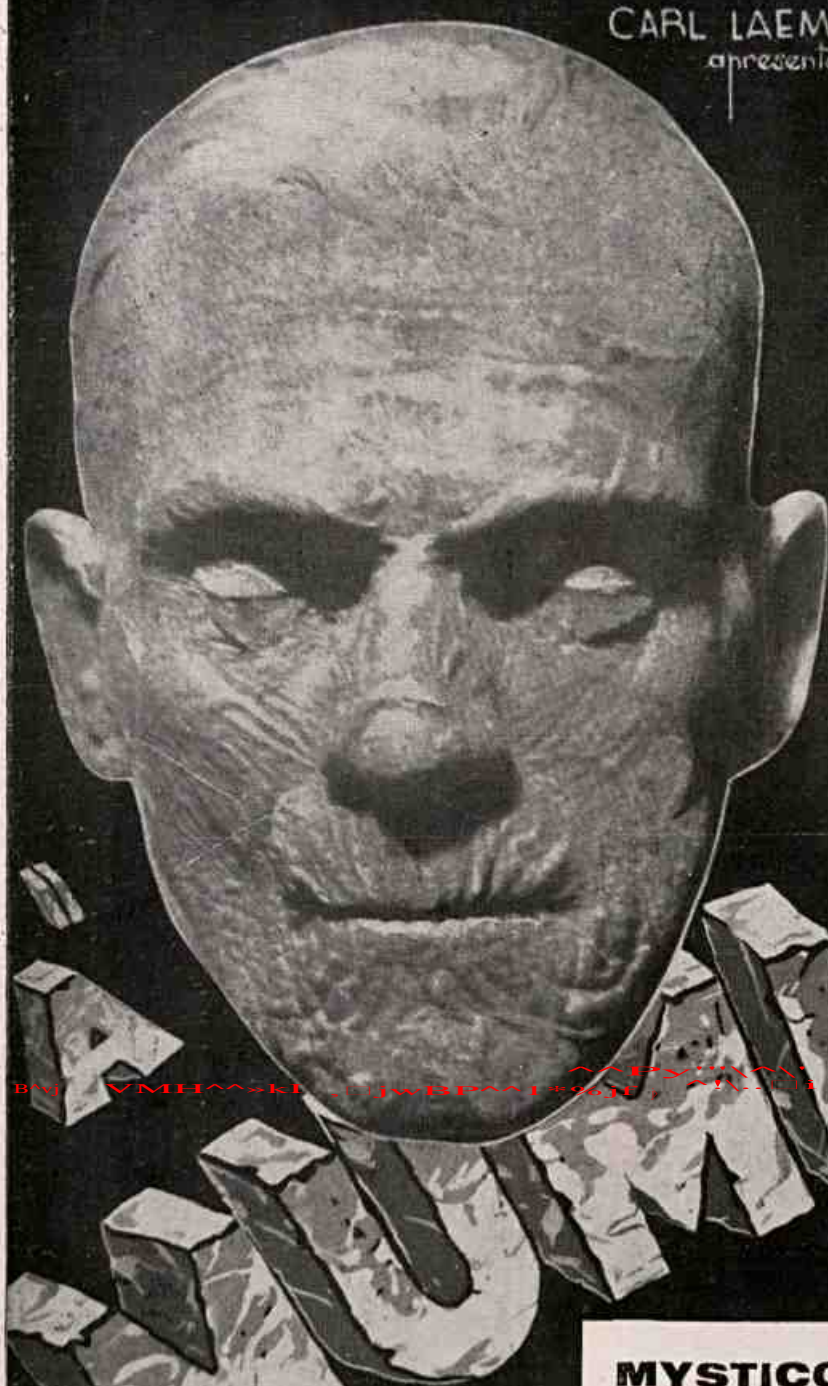
Como sempre, apropriados e bellos, scenarios e indumentaria.

OSCAR D'ALVA

O banco onde sentamos, carcomido...
Já morta a trepadeira da varanda
E jardim, sem canteiros, destruido...

E a scismar, relembrando a infancia finda,
Chego a escutar as rodas em "ciranda"
Trazendo o tempo em que eu brinquei "ber-
linda"...

J. G. DE ARAUJO JORGE

CARL LAEMMLE
apresenta

BORIS KARLOFF EM

"A MUMIA"

MYSTICO,
MYSTERIOSO,
METAPHISICO!

A Mumia de IM-HO-TEP o sacerdote sacrilego. Que anda a procura da alma de sua amada.

DIA 21 no PATHÉ · PALACE

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 33

Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1933

Director: SERGIO SILVA

MULHERES CALVAS...

POR

Martins Capistrano

A calvicie é a marca do talento — affirmam alguns homens intelligentes que não têm cabello. Outros, sem intelligencia, mas igualmente calvos, desposam a mesma opinião dos seus collegas de cabeça raspada e ainda acrescentam que o valor intellectual é uma fogueira que queima os fios de cabello dos marmanjos...

Quem é intelligente e não é calvo discorda, em absoluto, desse juizo, porque tambem acredita no talento dos homens cabelludos... A calvicie — devem pensar — é um accidente, talvez, é, talvez, uma fatalidade a que ninguem póde fugir. Um individuo calvo é um ponto de referencia no destino humano...

O que, entretanto, ninguem contesta, o que está, positivamente, na opinião de todos, é que não tem belleza uma cabeça limpa, é que uma *caráca* precisa, muitas vezes, ou quasi sempre, estar occulta pelo chapéo. Porque a elegancia masculina não transige com uma *caraca* á mostra... Dahi a gente conhecer certos camaradas que só apparecem em publico de chapéo: até nas photographias. Certos camaradas sem cabello que se não querem dar ao trabalho ou ao sacrificio de usar peruca, como um figurão da minha distante terra nortista cuja vasta cabelleira negra resistiu sempre aos annos e á calvicie...

Mas, a que proposito vêm todas essas considerações? E' que eu acabo de ler, alarmado, duas noticias que vão arrepiar o cabello de muita gente. A primeira se resume na affirmação do scientista norte-americano dr. Wells segundo a qual, dentro de alguns annos, as mulheres serão calvas. Especialista em enfermidades mentaes, esse medico eminente, fazendo tão terrivel prognóstico, declara que o phenomeno se deverá ao desenvolvimento das faculdades intellectuaes, que é, na sua opinião autorizada, a causa principal da calvicie. E acrescenta o illustre dr. Wells que muitas damas que hoje se distinguem pelo talento usam peruca...

A outra noticia, que nos vem ainda dos Estados Unidos, se refere a uma communicação que o famoso cabelleireiro Charles Vistle fez perante a Associação dos Cabelleireiros Norte-Americanos, em Nova-York, declarando que a calvicie feminina será um facto dentro de poucos annos. Mas o téchnico Vistle apresenta uma causa diversa da que ampara a opinião do professor Wells. As mulheres — affirma o *figaro* nort-americano — ficarão calvas porque estão abusando muito dos cabellos curtos. A moda actual do córte *á la garçonne* irá introduzir a *caraca* entre as filhas de Eva...

Ahi estão duas opiniões de duas grandes autoridades no assumpto: um scientista e um cabelleireiro.

As mulheres devem meditar sobre o caso e procurar, desde já, um meio de livrar-se do alarmante phenomeno. Porque uma mulher sem cabello há-de sentir-se bem desolada no meio dos homens, que, si acceitaram os cangotes femininos á mostra, não estão dispostos, certamente, a tolerar a epiderme capillar descoberta nas lindas cabeças que elles se acostumaram a apreciar vestidas de oiro ou de ébano...

Assim, as mulheres, para neutralizar um pouco os effeitos da acção mysteriosa dessa terrivel inimiga de sua belleza — que é a calvicie, serão obrigadas, agora, a se mostrar menos intelligentes, já que lhes não é possivel contrariar ou desobedecer ás leis da moda...

LIVROS BONS E MÁUS

O romance?

Que dizer? Será facil ou difficil romancear um episodio, um acontecimento, uma thése, um enredo? No sentido de conduzir a moral?

Antes de tudo: que vem a ser o romance?

E' a copia da vida.

De modo que o mérito de um livro, nesse genero, está simplesmente em reproduzir a verdade.

E sendo assim, é claro que não ha romances licenciosos: ha os que dizem uma verdade com mais nitidez e calôr e ha os que recorrem ao artificialismo, á fantasia, aos engôdos da bôa estilistica, para mostrar as coisas da alma e da vida.

E talvez por isso foi que Oscar Wilde disse que não ha livros immoraes: ha livros bem feitos ou mal feitos.

*

Não haverá, pois, um exaggêro e um disparate — é ate certo ponto, — uma hypocrisia irritante — em condemnar-se um livro, digamos, um romance, somente porque mostrou uma verdade, tal qual ella é? Si a verdade fosse uma coisa feia, ninguem poderia, de-certo, encarar a luz sem corar de pudor.

Sorrisos, atitudes e espectativas, em face do Grande Premio «Brasil»...

Dizer que o sol é brilhante, deixaria de ser uma verdade astronómica — para ser, apenas, uma obcenidade censuravel.

Ninguem, medianamente illustrado, teria coragem de affirmar que um tratado de anatomia ou de biologia era uma obra immoral, pelo facto de apresentar-nos a vida nos seus detalhes mais crús.

Salvo si esse alguem, numa baixeza de alma, entender de applicar um sentido pernicioso e obceno, a cada um desses livros.

Mas, nesse caso, o mal vem de quem observa e julga. Não reside nas obras em questão.

Sendo a verdade, como a moral, um simples convencionalismo, é bem de vêr que ambas são muito relativas.

Um exemplo?

Um romance julgado licencioso por A, que traz em si a maldade, desperta para tudo, pode ser uma verdade em relação á sua moral, ou pseudo-moral. Esse mesmo romance, julgado um livro de these, de sciencia, de ensinamento profundo, pela pessôa de B, — honesta nos seus juizos — póde e deve ser outra verdade, em face da sua moral.

*

E' bem possivel que, nisso, eu esteja errado. Não esqueçamos, porém, o que ponderá Anatole France, a tal respeito. "Immoral, diz o ironista de "Le Jardin d'Epicure", é aquelle que não áge de accôrdo com a nossa moral". E é bem certo que cada um de nós segue a moral que mais lhe convém... Não fosse assim, e não haveria o ladrão. E não haveria a policia de preventividade e repressividade.

São, afinal de contas, duas moraes que se defrontam e têm razão.

*

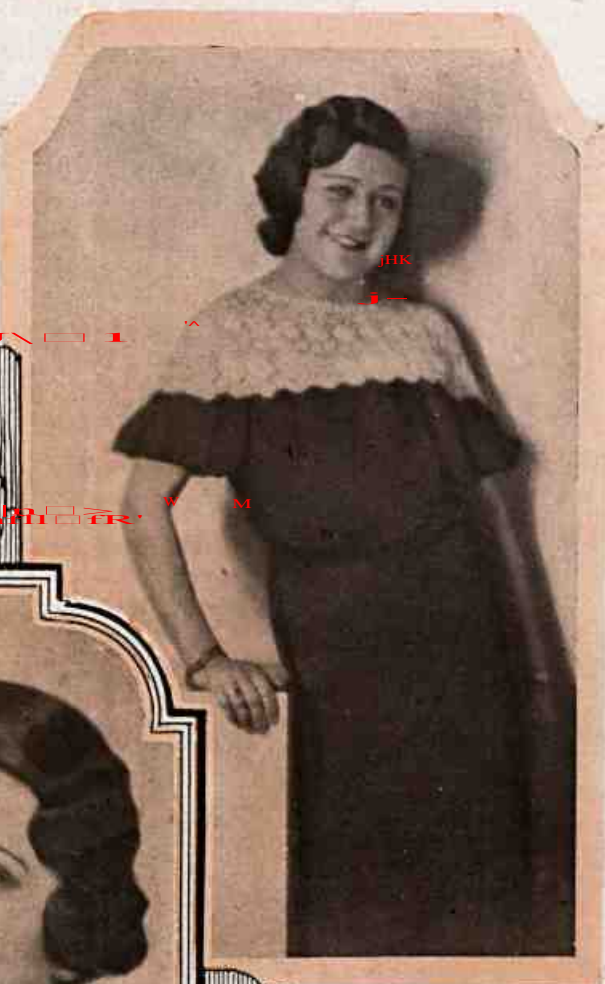
De resto, o papel de um livro não é prégar moralidade.

Expondo as verdades da vida, na sua materialidade mais rude — um tratado de medicina legal é util, honesto, moralistico, e, no emtanto, a sua finalidade não é ensinar moral.

*

Escrevo esta chroniqueta, destinando-a aos cavalheiros tartufos, — áquelles ou áquellas que rézam pela cartilha de S. Thomaz...

YVES

Senhora Lydia Matheus.

(Photos Cerri — S. Paulo)

Senhora Olga Sabater e sua filhinha Maria Lucia.

Senhorita Davina Salles.

Caverna de Ali Babá

João Luso acaba de accrescentar á sua extensa e preciosa bagagem literaria mais uma obra digna do nome e da gloria desse illustre escriptor que, filho de Portugal, vive ha longos annos no Brasil, perfeitamente integrado na nossa vida e nos nossos hábitos. Trata-se de um livro de viagem, genero que parece ter seduzido o espirito fidalgo e observador de João Luso, que, depois de «Viajar», tão bem recebido pela critica, nos dá «Terras do Brasil», cujo êxito está de antemão assegurado. Obra de impressões ligeiras, não se destina «a divulgar as observações e opiniões de um turista profissional», como assignala o autor. Nem por isso, entretanto, deixa João Luso de exaltar, nesse volume editado por Marisa, as terras brasileiras que vem de visitar, deslumbrando-se deante de seus aspectos panorâmicos e dos traços espirituaes que encheram de encantamento e belleza a sua sensibilidade de artista. «Terras do Brasil» é um livro que consagra ainda mais os altas méritos literários do autor de «Contos de Natal», «Historias da vida», «Comedia urbana» e tantas outras obras de legitimo successo.

BROCARDOS, ANNEXINS, PAREMIAS, DICTADOS, RIFÕES, ADAGIOS E PROVÉRBIOS

PORTUGAL só se erige em nação no seculo XII e sabemos que já no VII o Distticho de moribus dava aos clérigos de França noticia dos velhos brocardos da latinidade. Assim, certamente foi da Gallia que emigraram para a Peninsula os dictados que della vieram para o Brasil. Aqui, conforme as regiões em que se localizaram, consoante a alma do habitante se ornaram com sua maneira original de dizer.

Os annexins do nosso folk-lore sertanejo apresentam-se vestidos á moda da terra; na essencia, são, porem, os antigos rifões da sabedoria popular communs a todos os povos e em todos espontâneos, porque a experiencia humana em qualquer parte é, infelizmente, sempre a mesma.

Encontramos nos livros medievaes gaulezes sobre o assumpto alguns dictados que nem nosso idioma, nem o tempo conseguiram transformar: Borgne est roi entre aveugles — Em terra de cegos, quem tem um olho é rei; Ce n'est pas or tout ce qui luit — Nem tudo o que reluz é ouro; La nuit porte conseil — A noite é bôa conselheiro; Tout vrai n'est pas bon á dire — Nem todas as verdades se dizem.

No Nordeste do Brasil, o adagio, emigrado da velha civilização occidental através da Peninsula Iberica, tomou em muitos casos modalidade acentuadamente local, pondo-se de accordo com o pensamento do habitante e o meio ambiente, embora conservando o mesmo fundo moral com que o poderemos encontrar numa pagina de Cervantes ou no Grand Cheton medieval. Assim, o mieux vaut un tiens que deux tu l'auras é o ancestre legitimo do — mais vale um passaro na mão do que dois voando, como este é o pae do dito sertanejo — mais vale um ovo no ninho do que dois no interior da gallinha...

"Quer abarcar o mundo com as pernas como vaqueiro abarca o vasio do cavallo" provem do "quem mais tem mais quer", filho do qui plus a plus convoite. E de outros, de feição inteiramente sertaneja, como estes dois: "sombra de páu não mata cobra" e "praga de urubú não mata cavallo", estou que se encontraram ascendentes nos seculos passados com outras roupas. Basta pensar que o margaritas ante porcos do evangelho chegou ao sertão desta forma original: "passar manteiga em focinho de cachorro"... A alma dos proverbios, mau grado essas mudanças de forma, mantem-se a mesma, exprimindo a triste opinião da humanidade sobre ella propria...

SÉSAMO

Barros Vidal, nosso illustre confrade, é já um nome bastante conhecido entre nós, como jornalista brilhante que é. Acontece, porém, que Barros Vidal, espirito creador e dynamico, entendeu que podia demonstrar ser capaz de offerecer-nos uma obra de ficção. E, realmente, acaba de dar-nos um romance de psychologia social, synthetizado no drama intimo da consciência do dever e os instintos humanos. Chama-se o seu livro «A Tortura da carne». O trabalho é forte, bem observado e revela o homem habituado a vencer as sérias difficuldades da arte de escrever. A capa é um primoroso desenho de Manoel Constantino, nosso companheiro e pintor consagrado.

A VISITA DO CRUZADOR «DURBAN»

Num ambiente de fina cordialidade, realizou-se, sexta-feira penultima, no sâlão de banquêtes do Club Naval, o almoço que o almirante Protogenes Guimarães, em nome da Marinha brasileira, offereceu ao commandante e officialidade do cruzador «Durban», ha dias no nosso porto. Além da illustre officialidade do vaso de guerra britannico, tomaram parte no almoço os representantes diplomáticos da Inglaterra aqui acreditados.

Paradoxos

O muito bom tem sempre muito de maldade. Assim é que a mulher, quando fulminantemente bella, é um verdadeiro desastre. Tudo perturba. Tudo revoluciona. Interrompe o trafego nas ruas.

* * *

Quando eu vejo uma rosa, penso sempre nos espinhos...

* * *

A mulher que diz não é grosseirona e mal educada.

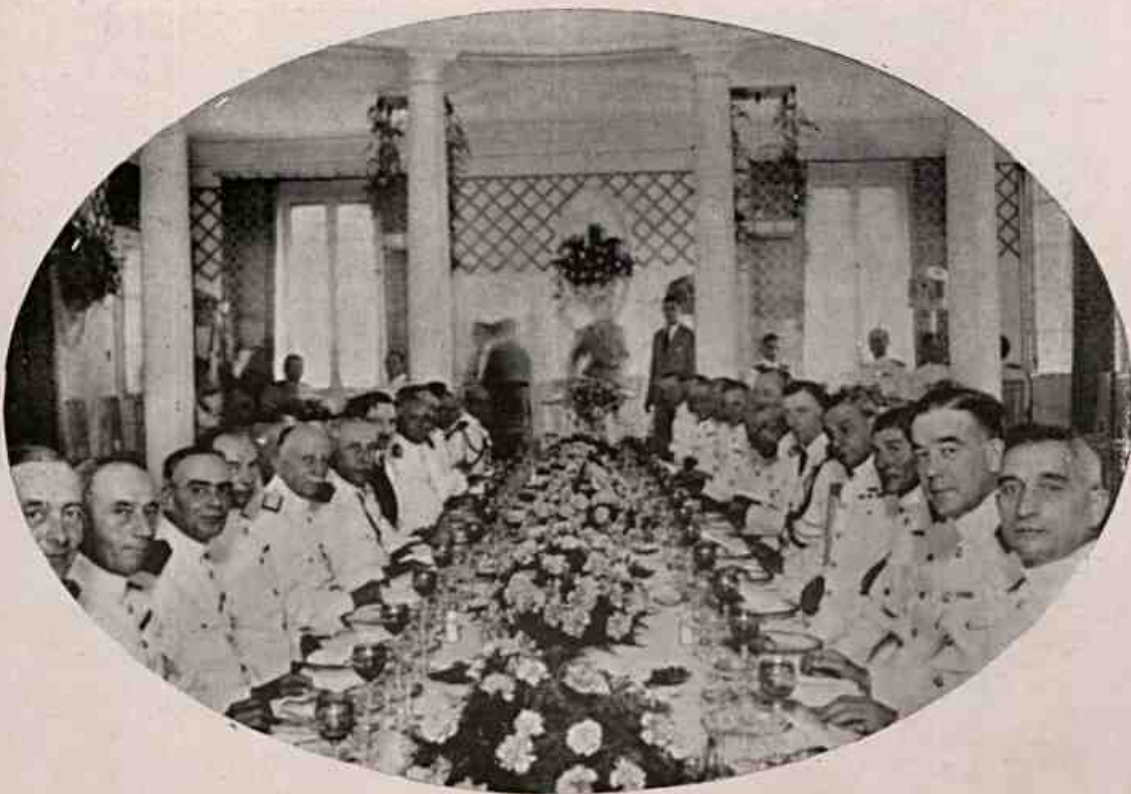
A que diz sim é insipida e banal.

A que diz *talvez* é elegante e lyrica...

Paulo Freitas

Um aspecto do grande salão do Automovel Club do Brasil, durante o «winter-garden-party» que alli se realizou no domingo passado, em beneficio do Ambulatorio S. Vicente de Paulo, e por iniciativa da Associação dos Anjos da Caridade.

DA TRAIÇÃO

Si muita gente pensasse, antes de assumir certos compromissos, talvez o numero de infiéis estivesse reduzido á metade.

O traidor só não engana á propria sombra, porque não póde, e isso, certamente, o mortifica. Elle trae o physico e a alma, quando não encontra mais ninguém para ser alvo de sua abominavel fraqueza. Abstraido da personalidade, o traidor, automaticamente, executa o que o seu destino lhe traçou.

O ladrão é horrivel, mas a repetida "occasião" que o fez póde ser filha de má educação ou da necessidade.

O traidor abomina a franqueza, preferindo o cháos em que, voluntariamente, cahiu.

A traição é o indice de um caracter accommodado a todas as situações. Ella desapparece com a execração do traidor.

ALEXANDRE PASSOS

Commemorando a data da independencia do Equador, o ministro Robalino Dávila e senhora abriram os salões do palacete da avenida Oswaldo Cruz, séde da legação daquelle paiz, para uma recepção ás altas autoridades brasileiras e ao mundo social e diplomatico.

ASSOMBRAÇÃO

AS velhas lampadas das estrellas velam.

A via-lactea parece o fundo de um thuribulo em fumo, cinza e braza que, ao baloiço da aragem, derrama, sobre a terra, a cinza opalescente do plenilunio e as brazas cadentes dos vaga-lumes, e esfuma de nuvens esgarçadas o firmamento amplo e impassivel!

Riscam, furtivos, os pyrilampos, pelo esquife da noite, umas tarjas salpicadas de oiro e esmeralda. Correm mais ligeiros os rios, na pressa de segredar qualquer augurio mysterioso; soluça mais suffocado o pranto das lymphas e das fontes, geme mais baixo o immenso orgão litburgico do oceano. Encolhem-se, reconcentradas, as montanhas, sob a cabelleira arripiada da galharia.

Ha lumes presagos que espiam entre as moitas pelos olhos vesgos dos boitatás, entre as frestas do arvoredo pelas pupillas de algum sacy ironico que tripudia no agoiro, ou sobre as ondas, na perola transviada de uma ardentia, no fogo fatuo de um santelmo.

Nem uma ruflalhada de passaro, nem um som de avena! Todos os ninhos adormecidos, todas as almas em socego. Emmudecido, immovel, o tympano dos écos!

Só o luar distende pelo espaço o deserto magnolial!

Só o luar trabalha e desenha e rendilha. Trabalha, numa só noite, a patina do tempo envelhecido da eternidade dos seculos: encanece a terra da lividez dos cemiterios, envelhece o mar com macerações de lápides. Desenha, em cada onda, a illusão de uma véla esfarrapada de espumas; rendilha, em torno das folhas das palmeiras, uma franja rasgada, de prata. Transforma em dunas esborcinadas os comoros sob a bruma, marcheta de marfim antigo as pedras abstractas. Põe um pallor de ruina em tudo, uma quietude de oração nas coisas e nas almas!

Só o luar domina na vigilia noctambula, pairando, delindo, numa poeira de perolas trituradas, a dardejar, vitreo, algido, como que através de um vitral fosco, embaciado...

E a noite, dentro do hyalino reflexo, em silencio, num gesto ethereo, accende quatro pyras, em fórma de cruz, sobre a ara do céo, persignando-se, — pelo sol que morreu e, defunto, ficou com os olhos abertos!...

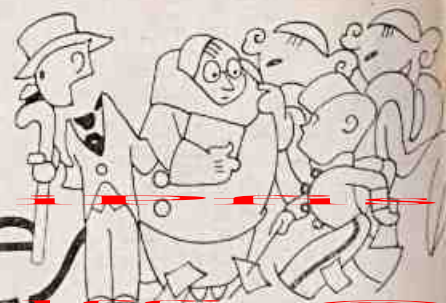
EDVARD CARMILO

O AMOR QUE NÃO MORREU...

— Você não me comprehende...
— Nós não nos comprehendemos, não é?
— Nós, não! Você é que não me comprehende ou faz que não comprehende!
— Eu?
— Sim! você!
— Está bem. Seja o que você quizer...
— Que frieza! Que indifferença nas suas palavras! Antes, ha pouco tempo, ainda, não era assim que me falava!
— Como era, então?
— Como era?! Pergunta-o ainda?
— Naturalmente. Se sinto que sou o mesmo, que em nada mudei...
— Se mudou! Nem parece o mesmo... Tão carinhoso, tão amavel, tão...
— Tão?...
— Tão meu que era! Tão meu! Só meu!... Quando me falava, quando me fitava, sua voz tinha uma modulação doce, doce, penetrante, cheia de carinho, e seus olhos, então! Seus olhos, nem sei bem dizer como eram seus olhos!...
— Os mesmos que olham agora para você, meu amor!
— Meu amor! Ha quanto tempo já não sou o seu amor! O seu querido "amor amado", como você me dizia ao ouvido, commovido de carinho!...
— Minha louquinha adorada, como você está bôba, bôbinha, hoje!
— Como você se engana! E' um presentimento... Meu coração anda tão triste, tão desalentado, tão inquieto...
— Minha filhinha, você...
— Diga! Diga de novo!
— Quer
— Minha filhinha...
— Mas se sempre o digo...
— Não! Como hoje, como agora, ha muito que não...
— Como agora?
— Sim. O outro, o que você já foi para mim, palpitou um pouco na estranha e suave modulação que você deu agora á sua voz!
— Adorada! Minha gatinha adorada! Venha cá... Sente-se aqui...
— Não, ahi, não! Aqui, sobre as minhas pernas.
— Você já não me ama... Você já não me quer bem...
— Se quero!
— E por que anda assim, frio, secco, indifferente... Tão mudado, tão esquesito?
— Preoccupações, amor. Muitas preoccupações...
— Alguma mulher, talvez... Outra mulher...
— Mulher?... Ora, filhinha, você bem sabe que a única mulher que me preoccupa, que vive no meu espirito, na minha alma, no meu coração, no meu sangue, é você... Você e mais ninguém.
— Mentira...
— Mentira, não! E você, intelligente como é, por força que sentirá isso.
— Isso, que?
— O meu amor por você... Mais que amor, o minha adoração...
— Sim... Já senti isso. Hoje... Hoje o que sinto é que você me foge, que sua alma e seu coração já não são meus como foram até bem pouco...
— Escute...
— Diga...
— Vou ser franco...
— Então é verdade? Você já não me ama?
— Mais do que nunca, talvez.
— Que é, então, que vae dizer?
— Está pallida perturbada... Suas mãos... Como estão frias, suas mãos! Que têm? Que receia?
— Nada temo. Nada receio. Estou inquieta... Estou afflicta...
— Sem razão.
— Não sei.
— Vae sabel-o...
— Mas fale, pelo amor de Deus!
— Dê-me sua cabecinha. Olhe-me, agora, nos meus olhos... Assim... E aqui está a resposta...
— Este beijo, amor...
— Que tem?
— A doçura, a loucura, a exaltação, a caricia quente e bôa dos beijos de outrora...
— Sempre foi assim...
— Sempre?
— Sim...
— E sempre será assim?
— Sempre.
— Mesmo quando eu ficar... Ah! Quando eu ficar... Se já estou ficando...
— Ficando que?...
— Velha...
— Velha? Mas, queridinha, que tolice! Velha, você?! Com a sua edade, com essa carinha de menina, de garota? Eu, então, que direi de mim?
— Você é homem.

De regresso da Europa, onde se encontrava havia alguns mezes, acha-se entre nós a notavel cantora, sra. Gabriella Besanzoni Lage. E' excusado dizer aqui que a illustre dama italiana é possuidora da mais linda voz de contralto que enche o theatro lyrico do mundo. Muitos são já os seus triumphos, que, agora, pela circumstancia de estar a grande artista ligada pelo matrimonio a um brasileiro — o sr. Henrique Lage — são, também, da nossa patria. A sua «tournée», realizada pelo Velho Mundo, deu-lhe mais uma série de merecidas victorias, contando-se, entre ellas, as que conquistou na Allemanha, onde foi chamada á scena 105 vezes. Em Milão, a sra. Besanzoni não colheu menos glorias, tendo no famoso theatro daquella cidade, — o Scala, — cantado a «Mignon» com absoluto successo. Em summa, a eminente artista, que aqui se tem retraído da sociedade, por motivo de fallecimento na sua familia, cobriu-se de glorias retumbantes, na sua recente excursão aos paizes europeus.

(Conclúe na pag. 32)

Na Casa Ruy Barbosa, á rua S. Clemente, foi inaugurada, a 11 do corrente, a herma do grande brasileiro, seu patrono. Essa solennidade fez parte do programma de commemorações da data da fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil. A herma foi adquirida pelo capitão Juracy Magalhães, interventor da Bahia, que a offereceu á Casa Ruy Barbosa, em nome daquelle Estado. Ao acto inaugural compareceram, além do interventor Juracy Magalhães, representantes do mundo official, magistrados, advogados, homens de letras e grande numero de senhoras e senhoritas da nossa sociedade.

MANHÃ DE SOL, EM COPACABANA

O ultimo domingo foi o primeiro annuncio do verão maravilhoso, que vae dentro em pouco restituir ás nossas praias o seu deslumbramento. Domingo irradiou para os cariocas o seu primeiro sorriso dyonisiaco. Foi uma festa de sol, alvoroçando a praia. Dia limpido e azul, que veiu esbater na tela verde das montanhas o pannejamento das nevoas do inverno.

* * *

A Avenida Atlantica, ás 11 horas, era uma attracção scenographica. Dir-se-ia que os caprichos de um governo imaginario tinha mandado realizar aquella obra de fantasia e de sonho para recreio de uma nação olympica. O sol prateava a superficie ondulante do mar, revelando a arte nova de um pintor de Neptuno, emulo do proprio Phebo.

* * *

— Salve! Bemvindo seja o verão!

A voz pareceu mais um gorgeio. (As sereias habitam a costa). Não, ainda é cedo para saudar o verão. Por que será que as mulheres não gostam tanto do inverno? Um amigo explicou-me:

— As mulheres amam a liberdade e a vida. Preferem o *maillot*, o ar livre. O inverno impõe o uso das *fourrures* e o tepido interior das *limousines* de luxo.

* * *

O Lido reunia junto ao *barman* um grupo de jovens, dos dois sexos, que acabavam de jogar o tennis. Muitos estrangeiros. No O. K., a multidão augmentava para o *drink* matinal. E na praia, em frente, os primeiros *maillots* do verão ainda distante revelavam as linhas esculpturaes de afoitas graças cariocas, authenticos typos "meia-estação"...

Vi, em horas diversas, aqui e acolá, em transito, a pé ou de automovel, no irreprehensivel chic, que lhes é proprio: senhorita Dinorah Coutinho, em ronda elegante com as priminhas inseparaveis; senhoritas Dhalia e Lula Mello Franco Alves; Ignezita Felix Pacheco; a pianista Anna Carolina; senhorita Darcy Pimentel. Indicaram-me a poetisa Lia Correia Dutra, autora de lindos versos, e premio da Academia. O desfile parecia em homenagem ao dia de sol. Passaram ainda: Conceição Adelmar Tavares, bonita como um poema de seu pae. E as senhoritas Malvina Dolabella Portella, Lecticia Campos, Edelvira Lopes Rego.

Este anno, Copacabana vae ser, no verão, um pedaço do céo...

* * *

WINTER-GARDEN-PARTY

DOMINGO, 13, 6 horas da tarde. A elegantissima séde do Automovel Club encheu-se da mais representativa sociedade do Rio para a annunciada festa da Associação dos Anjos da Caridade. Transformaram o club num jardim de inverno. A novidade alvoroçou a imaginação. E a festa resultou num memoravel exito de elegancia e de espiritualidade.

* * *

Ha numeros de arte. Surprezas. Danças.

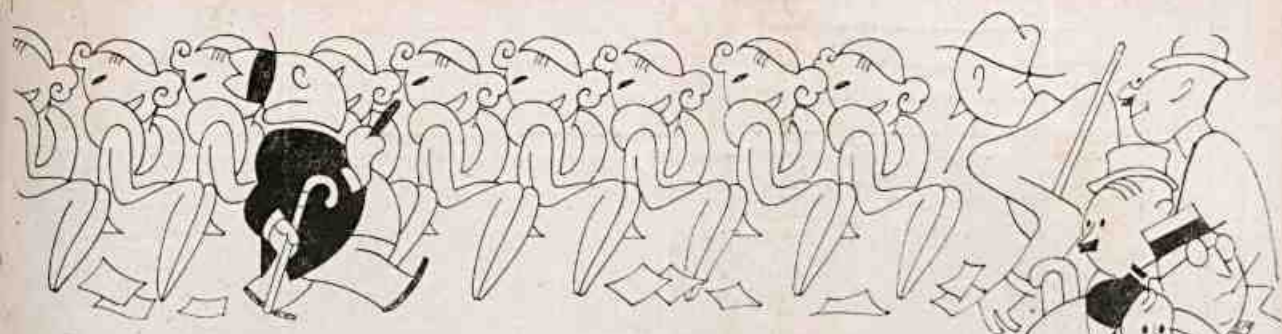
A sociedade do Rio pertence toda á Associação dos Anjos de Caridade. Pois não vê? Não ha espaço para registrar tantos nomes. Basta, entretanto, tomar nota desse ramilhete de graças, vestidas a cinco tons, — flores humanas, cheias de saude e de belleza, engalanando a fantasia desse jardim de inverno, em que foi mudado o Automovel Club. Vestiam branco: Regina Carvalho Motta, Alzira e Jandyra Getulio Vargas, Noemia e Magdalena Mourão Russel, Mary Chagas Doria, Inah Salles, Nicola e Jacqueline La Saigne, Zilah Macedo e Maria Piccorelly. Apresentaram-se de verde: Luizinha Antonio Carlos, Maryna Lyra, Maria Vieira de Castro, Carmen Silva, Lia Roxo, Annita Macedo,

"LA NOUVELLE JOIE"

A vida é uma theoria de emoções associadas. Está no pensamento do divino Guyau a comprehensão da solidariedade humana, como o verdadeiro fundamento da arte. E que é a arte, senão uma forma de sublimação da vida?

* * *

A natureza humana não é avara de alegria. O ser triste é já um ser intellectualizado. Nas fontes puras da mocidade e do amor, como nos veios revelados das longas existencias, nunca se esgota de todo o fundamento primario da exultação do homem em face do espectaculo das coisas. A verdadeira sabedoria devia consistir em renovar sempre a lympha dos mananciaes, o veio remoto e saudoso, para que a gente pudesse gozar as ingenuas e profundas alegrias desse primitivismo...

Quando, entretanto, as intelligencias se orientam,

Lacy Rego Barros, Lia de Moura e Margarida Monte Filgueira. Estavam de azul: Regina Bergallo, Heloisa Lopes, Maria Léa Affonseca, Maria Penha Affonseca, Véra dos Guimarães Bastos, Gilda Masset, Martha Anysio de Sá, Bolé Q. Mattoso, Thereza Ferreira de Carvalho, Nilza Alegria e Dora Del Vecchio. O grupo "rosa" era constituido por Yvonne de M. Lopes, Lenita Albino Cunha, Cecy Riso Villeró, Maria do Carmo Affonso Penna, Wanda dos Guimarães Bastos, Elza Figueira de Mello, Malvina Dolabella Portella, Nilza Penna, Yolanda Barbosa, Heloisa Helena Gama e Wanda Fernandes Dias. Completando a harmonia das cinco côres, estavam, finalmente, de amarello: Arminda Souza Carvalho, Sylvia Sá Castro Menezes, Flora Anysio de Sá, Maria José Laet, Yolanda Roxo, Maria Emilia Chaves Lopes, Véra Aragão, Celia Fabrizio, Elza Penna e Maria Corrêa.

* * *

Wintergarden-party... Uma tarde tão curta... Uma festa tão bonita... Um domingo tão cheio... E uma saudade... Uma saudade, *tout court!*

* * *

HORA DE ARTE

O studio Eros Volusia reuniu sabbado o seu circulo habitual de artistas, literatos e figuras da nossa sociedade para uma hora de espiritualidade e de arte. A fama desses encontros de elegancia e de intelligencia vae irradiando-se por todos os meios intellectuaes da metropole. Os nomes de Gilka Machado e Eros Volusia recommendam o refugio espiritual, aonde vão ter os enamorados da belleza e da arte.

Preencheram os numeros do programma, com o brilho que lhes é proprio: Marina de Padua, Eros Volusia, Neuza Moura Ferreira, Marilia Baptista, Tasso da Silveira, Murillo Araujo, Walfrido Martins, Bugyja Brito, Wilson de Carvalho, Decio Moura Ferreira e Orlando Carneiro.

* * *

ENTRE A COLOMBO E A LALLET

UM desfile de elegantes. Entardecer. O vae-e-vem costumeiro dessa hora solemne da rua Gonçalves Dias. Aqui e acolá, um grupo, que parou para o cumprimento inevitavel. Todos parecem ter pressa. E, no entretanto, ninguem tem destino marcado... O chá das 5 póde ser tomado a qualquer hora... Encontro-me com antigas amizades, perdidas de vista, ha tanto tempo!

— Andou fóra do Rio?

— Que é feito de você?

Mentira. Bem que nos viamos. E' que a gente, nesta cidade-sortilegio, faz cousas assim: dá a perceber ausencias longas e acaba convencendo-se de que esteve mesmo ausente...

— Andei noutro rumo... ao sabor da rosa do vento...

* * *

A' sahida da Lallet, o carro bonito da elegante senhora quasi atropelou um transeunte.

Querem ver que a victima seria um conhecido poeta, seu mais fervoroso admirador?

* * *

SALÃO DE 1933

NA Escola Nacional de Bellas Artes foi inaugurado, com a presença de autoridades, artistas e illustres nomes da sociedade e das letras, o Salão de 1933.

O bello acontecimento vae dar-me o ensejo para, no proximo sabbado, registrar o comparecimento dos valores femininos do Rio á exposição official do corrente anno.

---

no sentido daquella belleza augusta, que alcandorou de poesia e de sonho, com os toques irreaes de uma suprema revelação humana, o espirito oracular de Guyau, — então, a alegria passa a ser um voto consciente, um desafogo d'alma raciocinado.

* * *

Devoto do poeta philosopho, meu amigo, communicando-me uma alegria nova, disse-me tudo. Só na mesa de commumhão do artista incomparavel, patrono espiritual de todos os sonhadores, seria possivel comprehender a synthese desse estado d'alma, por um capricho de refinamento intellectual, expresso na lingua unica de Renan: une nouvelle joie.

* * *

Xoyá, sim. E tanto mais bella, quanto, no ornamento literario que lhe procurei dar, vae todo um symbolismo de tres côres, triplice-raiz de vida; associada num unico e inviolavel segredo, que é a flor da paixão.

LUCIANO

O VÔO TRIUMPHAL DA ESQUADRILHA BALBO.

Não é demais exaltar, como uma das mais bellas proezas da aviação moderna, o «raid» da esquadrilha italiana, realizado entre Orbetello e Chicago, com um brilho até agora inexcedivel. Foi commandante do grupo de aviadores o illustre general Italo Balbo, chefe da Aeronautica da Italia, e que aqui já esteve, por occasião da visita que nos fez em condições idênticas. Esse detalhe é, aliás, um dos motivos mais justos que temos para nos alegrar com a gloriosa Patria italiana, que, assim, entra para o rôl das nações que se orgulham de possuir a supremacia dos ares. Realmente, Italo Balbo escreveu uma pagina de incomparavel belleza, onde se extremam, num relevo sublime, a coragem, a intelligencia e a fé, e avulta a grandeza da latinidade moderna.

ALTO FALANTE

(Conclusão)

— E o homem não envelhecerá então?

— Sim. Tambem envelhece mas menos rapidamente que a mulher. E quando vae envelhecendo...

— Que acontece?

— Vae dando para gostar mais de garotinhas, de mulheres novas, bem novinhas...

— Novinhas em folha?...

— Bandido!

— Amor, meu querido "amor amado".

— Serei mesmo? Diga, repita que o sou...

— E', sim. E sempre será!

— Mesmo quando ficar velhinha?

— Mesmo velhinha, velhinha, de mãos e de voz tremulas...

— Que suave e consoladora... mentira... Mas, seja. Beije-me, agora, como da primeira vez.

— Que é, ainda, como da ultima vez, não é?

— Vamos ver...

Max Linder

SABEDORIA

Não queiras que as coisas sejam como o desejas, e sim como ellas o são realmente.

*

E' tão difficil, aos ricos, adquirir sabedoria, como aos sábios adquirir riqueza.

*

Impõe-te a ti mesmo certas regras, observando-as rigorosamente, estejas só, ou acompanhado.

Epicteto

O BRASIL NA CONFERENCIA INTERNACIONAL DO TRABALHO

Grupo em que figuram o dr. Affonso Bandeira de Mello, chefe da delegação do Brasil; o consul Carvalho e Senra, delegado governamental; Walter James Gothing e Henrique Stepple, respectivamente, delegados patronal e operario; a senhorita Odette de Carvalho, Carlos de Senra e Rodolfo Paula Lopes, que integraram a delegação. O dr. Bandeira de Mello, que está no centro da photographia, e que é um dos nossos maiores technicos em questões de trabalho, foi, no scenario da conferencia, um vulto de destacado relevo, honrando o nome do Brasil.

Coryna Rebuá é a brilhante poetisa que acaba de publicar «Alma Sedenta», livro de exaltação lyrica e de intensa vibração emocional. Os versos que aqui publicamos são inéditos e escriptos especialmente para FON-FON.

RENUNCIA

...e eras o tudo para mim na vida!
Em ti depositei minha esperança,
Julgando-te a entidade indefinida
Em meus fagueiros sonhos de creança.

Fechei meus olhos para o mundo, e erguida
A fronte altiva, eu só te olhava mansa;
Pelos caprichos teus sempre vencida
Numa volupia de perseverança.

Mas foste apenas a visão de um sonho...
Eis por que ao que me impões eu não me rendo,
E uma eternal separação te imponho.

Meu presente é de treva, a sorte fez-m'o,
Pois te quero perder e em te perdendo,
Perco o bem mais querido, que és tu mesmo.

CORYNA REBUÁ

O Salão de 1933, inaugurado sabbado ultimo, na Escola Nacional de Bellas Artes, concorrem varios nomes de prestigio nos nossos circulos artisticos. Vicente Leite é um dos poucos concorrentes ao premio de viagem deste anno. Dos poucos e dos mais fortes, porque o trabalho é realmente admiravel, não só na sua concepção, na belleza da ideologia que o inspirou, mas tambem, no vigor e no expressionismo da arte que o realizou. Rapto é uma obra de verdadeira creação, de impressiva espiritualidade e esplendida e faustosa movimentação pictorica. Sente-se, logo ao vêl-o, a suggestiva fascinação da arte magnifica que o traçou e animou. Vicente Leite foi felicissimo na sua inspiração. Soube imprimir ao seu trabalho, de rara largueza, concepcional, uma forte e moderna expressão de belleza. Tela de grandes proporções — a maior existente no salão — Rapto, que se vê ao lado, tem, ainda, a recommendar o valor do illustre pintor patricio, o merito do esforço, do exhaustivo e silencioso trabalho que exigiu de seu creador.

Foi, sem duvida, um acontecimento artistico do maior esplendor, a inauguração do Salão de 1933, na séde da Escola Nacional de Bellas Artes. As salas do edi- tivo; e, alem das autori- ficio apresentavam um aspecto verdadeiramente festivos; e, além das autoridades e representantes do governo, viam-se numerosas senhoras e senhoritas, cavalheiros e intellectuaes, que imprimiam á reunião um cunho de grande brilho social. Ao certamen compareceram com trabalhos e alli se achavam representados os principaes nomes da pintura nacional e do corpo discente da Escola.

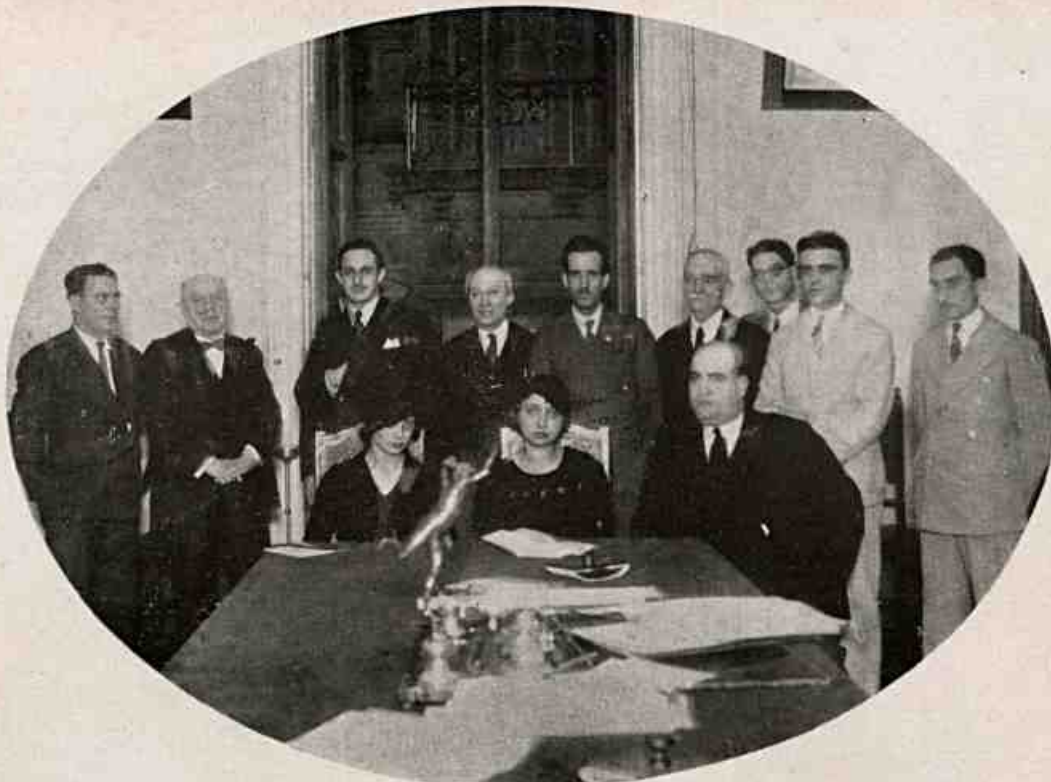
Por motivo de sua designação para a presidencia do Instituto de Previdencia dos Maritimos, o commandante Napoleão de Alencastro Guimarães foi homenageado por um grupo de amigos, que lhe offereceu um almoço, sabbado ultimo, no Beira-Mar Casino, onde se reuniram, para esse fim, entre outras pessôas gradas, os ministros Salgado Filho, Protogenes Guimarães e Antunes Maciel e os interventores Pedro Ernesto, Lima Cavalcanti e Carneiro de Mendonça.

SABEDORIA

O verdadeiro amor é como os fantasmas: todo mundo falla nelle, mas poucos o vêem. — La Rochefoucauld.

Os avarentos acumulam o dinheiro como si fossem viver eternamente; os prodigos o gastam como si estivessem ás portas da morte. — Aristóteles.

O Centro Maranhense promoveu, na data do 110.º anniversario do nascimento de Gonçalves Dias, uma solennidade civica junto á herma do grande poeta, no Passeio Publico, reverenciando, assim, a memória do cantor illustre de «Timbiras». O «cliché» apresenta um flagrante dessa expressiva cerimonia, a que se associou a Escola Gonçalves Dias.

O Tijuca Tennis Club vem realizando uma magnifica e bem orientada obra de eugenia. Mantendo aulas especiaes de gymnastica rythmica, danças classicas, natação, tennis, «volley-ball» e «basket-ball» para meninos e meninas, esse querido centro mundano e sportivo, commemorando o «Dia da Criança Tijucana», realizou, no ultimo domingo, interessante demonstração de cultura physica, em que tomaram parte numerosas creanças. Nosso «cliché» focaliza aspectos dessa linda festa infantil.

Em homenagem á memória do saudoso industrial maranhense coronel Cândido José Ribeiro, realizou-se na semana passada, na séde da Associação dos Empregados no Commercio, uma solemnidade alli promovida por iniciativa do dr. Cândido Bordeau Rego, delegado, nesta capital, da Associação dos Empregados do Commercio do Maranhão, e na qual tomaram parte vários representantes de outras associações estaduaes congeneres e membros da familia do illustre extincto. Falou sobre a personalidade do coronel Cândido José Ribeiro o dr. Bordeau Rego, tendo agradecido, em nome da familia, o nosso companheiro Lelio Vieira Machado, genro do extincto.

FILIGRANAS

O diamante denominado Grão Mongol é um dos mais celebres do mundo. Jean Baptiste Tavernier, viajante francez, foi o primeiro a falar delle no seu livro «Les merveilles de l'Inde», que o vira com os proprios olhos, em 1665, no thesouro de Aureng Zeb, descendente do conquistador Tamerlão, que chegou a ser imperador mongol da India depois de haver assassinado tres irmãos e encarcerado seu proprio pae. Tinha, então, a fórma de uma rosa com o peso de 280 quilates, tendo pesado, quando encontrado, 787.

Aureng Zeb explicou a Tavernier que um ministro do rei de Golconda, chamado Mirmigola, offereceu-o ao filho do soberano desthronado por sua traição, afim de conciliar seu favor. Foi esse que o mandou lapidar pelo veneziano.

Sob o patrocinio do Automovel Club do Brasil, o professor Paul Vageler, da Universidade de Berlim, realizou, no salão nobre daquella sociedade, á rua do Passeio, uma interessante conferencia sobre a recente excursão da Commissão Scientifica Allemã aos Estados do Sul do Brasil, illustrando-a com um film tirado nessa viagem de investigação e estudo. Ouviram a palavra do eminente sabio allemão, que foi apresentado ao auditorio pelo dr. Armando de Godoy, altas autoridades, intellectuaes e muitas familias da nossa sociedade.

No stadio de São Januario, realizou-se, domingo passado, mais um jogo do campeonato de profissionaes, defrontando-se, ali, os «teams» da Portugueza, de São Paulo, e do Bomsuccesso F. C., desta capital. Esse encontro despertou o maior interesse nos circulos sportivos, offerecendo varios lances empolgantes, como os que focaliza esta pagina.

Enlace da senhorita Maria Odette Pavageau com o primeiro tenente do Exercito Antônio Pedro de Paiva, celebrado nesta capital.

PONTUANDO...

O Ponto é um cavalheiro austéro e economico. Limita a phrase para evitar o disperdicio de palavras. E' o exemplo typico do res, non verba.

As reticências são justamente o contrario: loquazes e, ás vezes, inconvenientes... Falam demais, como mulheres juntas...

Uma porção de reticencias fala da vida alheia. Os dois pontos não falam senão daquillo que enxergam á sua frente, com os seus dois olhos redondos...

A vírgula, magra e irritante, interrompe a cada momento a phrase com suspiros desnecessários de solteirona desilludida...

O ponto e vírgula é inútil como um casal sem filhos: o ponto, sózinho, o substitue com vantagens. O ponto e virgula serve, exclusivamente, para demonstrar que a virgula, sozinha, é impotente para conter o impulso da phrase...

A interrogação é essencialmente feminina. Curiosa, posta-se no fim das phrases e estica o pescoço, para bisbilhotar, e indagar da vida das outras phrases...

A exclamação, ou é idiota, ou é ingênua e roceira. Espanta-se com tudo. Arregala os olhos, abre a bôcca... e não diz nada.

Os parenthesis são suspeitos. Sujeitos de mãos intuitos, que só gostam de se encontrar com palavra entre paredes...

As aspas — rugas especiaes na face da palavra — têm, ás vezes, o dom de trahir o caracter deturpado e falso de sua portadora. Ah! Quanta gente devia ter aspas no rosto!

O til nasceu homem por engano. E' pedante, tem curvas harmoniosas, poses estudadas. Gosta de falar alto, n'um tom especial, e de chamar a attenção.

O accento circumflexo é como um guarda chuva previdente. Notem bem que elle só se posta em cima de uma vogal quando ella se acha com a vóz grossa e rouca...

Maurício Pinho

Enlace da senhorita Zaida Cordeiro de Castro com o sr. [illegible], tambem realizado nesta capital.

Senhorita Maria Rita Freitas Camargo, cujo enlace se realizou em São Paulo.

Flagrante do almoço mensal da Associação dos Artistas Brasileiros, realizado no restaurante da Casa do Estudante, e no qual tomaram parte, como convidados especiaes, os directores da Pró-Arte e o dr. João Itiberê da Cunha, critico musical do «Correio da Manhã».

A MULHER CHIC — Creações Jean Patou — Robe du soir en musseline de ton abricot. La ceinture, en velours violet, est retenue par un bijou Van Cleef Arpels.

(Photo especial para FON-FON).

METEMPSYCHOSE

Guilherme Augusto dos Anjos

Uma tristeza atavica me invade...
E eu sinto o que outros seres já sentiram;
Pulsam na minha personalidade
Mil corações que outrora já carpiram.

Bemdita seja esta continuidade
De dôr e soffrimentos que existiram
Em febris organismos de outra idade
E vêm se perpetuar nos que os seguiram.

Bemdita seja, pois, toda a tortura
Que se apodera da alma da creatura
E a torna igual aos entes primitivos...

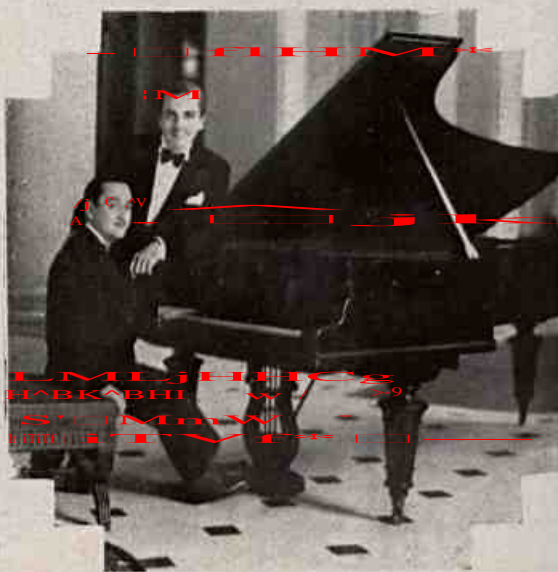
Para que, emfim, chegada a noite eterna,
Haja esta transição que nos inferna
Dos que estão mortos para os que estão vivos!...

*

Inaugurou-se á rua Gonçalves Dias, numero 53, o «Salão Doublet», que conta com a direcção téchnica do conhecido cabelleireiro Polybio e se acha magnificamente installado para attender á fina sociedade carioca. O «Salão Doublet» comprehende, tambem, uma secção de chapéos para senhoras, entregue ao bom gosto de uma profissional competente: Madame Marie Louise. O nosso «clichê» focaliza um aspecto da inauguração do «Salão Doublet».

No Studio Vicclac, a festejada cantora argentina sr.ª Dora Gález de Amcroso, que nos visita em excursão turística, realizou uma audição especial dedicada á imprensa carioca, sendo acompanhada ao piano pela artista Anna B. Dias de Toledo. Muitos e expressivos foram os applausos que coroaram o recital da illustre cantora, que nesta photographia apparece entre jornalistas e outras pessôas que a ouviram.

* * *

Dario Silva e Roberto Vilmar vão reapparecer ao nosso publico interpretando, em concertos especiaes, destinados, sem dúvida, ao maior successo, lindas canções sentimentaes e musicas syncopadas, que serão a nota artística desta temporada.

Trepações

A escriptora Elisabeth Bastos, que se tem destacado nos circulos femininos brasileiros, pela sua brilhante actuação no movimento em pról dos direitos da mulher, acaba de entregar á Renascença Editora os originaes de seu livro de estréa «Justiça, Alegria, Felicidade», collectanea de conferencias pronunciadas pela autora sobre o papel da mulher na sociedade.

Já se tem commentado o ciume do marido pela sua joven esposa. São, apenas, recem-casados. Mas, a lua de mél vae, aos poucos, se empanando.

Ainda, na semana passada, houve entre os dois uma seria desintelligencia, porque a elegante senhora, após animado jantar de festa, dançou bastante, cheia de vivacidade e de alegria. Isto causou ao ciumento marido um enorme desgosto. Entretanto, elle não tem razão, pois, a sua mulherzinha é uma bella artista e ninguem póde submetter, totalmente, a sua vontade, annullando-lhe assim a personalidade.

Nas rodas amigas, os commentarios são desfavoraveis ao marido.

Quando elle casou, sabia que a sua esposa tinha uma profissão. Era autonoma. Por que casou? Afinal, não lhe deve contrariar tanto o simples facto de vêl-a dançar algumas vezes. Se, ao menos, ella estivesse *flirtando*...

No elegante bairro do Jardim Botanico ha um villino nupcial. Casa poetica, dando para a lagôa Rodrigo de Freitas, occupam o bonito *bungalow* marido e mulher, recem-casados, ao que se presume, pois, as scenas de amôr denunciam lua de mel. E as scenas se repetem em toda parte: no jardim, na *terrasse*, no proprio quarto, de janellas escancaradas. A vizinhança fronteiriça, principalmente, está gozando os lances cinematographicos do amoroso casal: Ramon Novarro e Myrna Loy. Ella veste-se, aliás, sem preoccupação dos vizinhos. Como representa os idyllios. Inteiramente á vontade. Manhã cêdo, Ramon e Myrna saudam o sol, beijando-se allucinantemente; á noite, a sua homenagem é prestada ás estrellas. Só assim se explica que o façam para que toda a vizinhança os esteja vendo...

9 horas da manhã, na praia de Botafogo. Meu omnibus soffreu uma *panne*. Lotação completa. Gente toda de Ipanema. Ha signaes de evidente contrariedade com o retardamento imprevisto. Aproveito, entretanto, a parada para ver o movimento. E foi do meu improvizado posto de observação que acompanhei a pericia de certa dama, muito cortejada nos altos meios sociaes, ao volante da sua *limousine*. Madame, em regular velocidade, (reconheci-a, de longe) abandonou o automovel á sua sorte e pôz-se fleugmaticamente a accender o seu cigarro...

Elegante *chauffeuse*, mulher chic, o que fôr, só sei que com a sua calma a formosa passeiante matinal da praia de Botafogo fez uma demonstração de sangue frio para o omnibus todo, preso á fascinação do seu gesto, terrivelmente imprudente. E só assim se conseguiu esquecer a parada forçada.

No mesmo banco do meu bonde da Muda da Tijuca, viajavam, um destes dias, dois rapazes, que pelos modos pareciam funccionarios publicos. Mas não funccionarios *au vieux style*; funccionarios, moços bonitos... E um delles contava ao outro que uma conhecida commum (solteira, casada ou viuva?) estava agora completamente mudada. "Avalia só, dizia, que basta um simples namoro para obter della tudo". E o que mais admiração causava aos dois era, segundo referiam, a sem-cerimonia com que já agora a tal pessôa recebia presentes dos seus namorados.

O mais conversado dos dois accrescentava, aliás, com uma pontinha de despeito: No meu tempo, ella era *crack*: não recebia nada. Nem um nickel de quatrocentos reis para falar ao telephone publico...

Entre os objectos achados por certa senhora, em rua moderna do coração da cidade, conta-se um lindo par de luvas.

Illydinho, o galante filhinho do casal Illydio Soares Filho-d. Zelia Fortuna, está praticando para orador...

Sud Menucci e a educação brasileira

O grande prêmio "Divulgação do ensino primario", de 10:000$000, distribuido pela Academia Brasileira de Letras, distinguiu este anno Sud Menucci, pela sua obra notável "A crise brasileira da educação." O illustre educador e escriptor de S. Paulo viu assim consagrado, pela mais alta expressão da vida literaria brasileira, que é aquella Academia, o seu claro e intelligente trabalho, visão magnifica do problema educativo popular em nosso paiz.

O parecer do eminente sr. Roquette Pinto, approvado pela commissão e pela Academia, por unanimidade, é uma pagina de alta critica e fino lavor, que merece ser transcripta nestas paginas, como homenagem ao autor dos "Seixos Rolados" e do escriptor laureado.

* * *

Sud Menucci.

"O livro de Sud Mennucci é o mais claro, o mais lógico, o mais prático. E' tambem o mais original no modo de encarar o problema e na solução que propõe. Principia o autor tratando da crise universal da educação. A sciencia transformou as condições da vida occidental. Todos os valores de tempo e distancia passaram a ter outra significação. A escola antiga ficou fóra de phase, atrazou-se tanto mais quanto já não encontra o apoio que sempre lhe deram a familia de typo romano e a officina. O trabalho moderno é outro; outras são as condições da familia em que o pátrio poder já não tem a extensão de outrora, em que a mulher vive e trabalha fóra do lar. O surto da "escola nova" corresponde a taes circumstancias. A escola nova quer ser de preferencia internato, quer installar-se em zona de campo, valendo-se do ar puro, do sol e do scenario. Ella faz do treino sensorial o expediente máximo da sua pedagogia e se organiza com a preoccupação do estudo psychologico e physiologico do educando, do seu genio, das suas aptidões, das suas preferencias, dos seus interesses immediatos. Ella procura reunir tudo quanto cabia á familia e á officina, complemento historico dos antigos centros de educação. Condicionado o systema educativo de cada época pela organização do trabalho então dominante, tivemos, no Brasil, o que o autor chama "saldo negativo" proporcionado pelo trabalho escravo. No segundo capitulo do seu livro o autor demonstra que a mentalidade nacional foi influenciada pelo preconceito do trabalho manual. Veiu a republica e com ella a obra de reconstrucção educativa. Mas foram copiados os modelos clássicos, inspirados no que se via nos paizes industriaes da Europa. O paiz ansiava por uma legislação educativa essencialmente rural; deram-lhe escolas urbanistas. E quando pensaram em fundar escolas ruraes foi peor. Fizeram-se escolas de cidade localizadas no campo. Alberto Torres por isso mesmo escreveu que a nossa instrucção publica era um systema de canaes de êxodo da mocidade do campo para as cidades e da producção para o parasitismo. Em vez de promover o progresso do campo, a escola official despovôa as lavouras. Dellas o filho do lavrador não sae aperfeiçoado lavrador que o pae deseja... Passa depois o autor a definir o que lhe parece deva ser a escola brasileira, sempre de accôrdo com o ambiente regional. Só com a segmentação dos latifundios, sustenta elle, será possivel o nosso verdadeiro surto educativo. O êxodo dos campos desapparecerá. A posse da terra seria capaz de annullar os residuos psychicos da velha prevenção contra os trabalhos de amanho da lavoura.

Como retalhar os latifundios, uma vez que a solução russa, violenta e imprópria, ou a rumaica, baseada no consenso dos possuidores, ou a franceza, baseada na herança — não podem ser propostas? A solução de Sud Mennucci é a campanha pelas opportunidades de repartir a terra. Juntem-se a União, os Estados, os Municipios, ás Associações particulares nesse objectivo. "Conheço clubs commerciais, escreve o autor, para innumeros fins, que entregam aos seus prestamistas as coisas mais disparatadas que elles possam desejar. Nunca ouvi falar de nenhum que sorteasse glebas de terras para o estabelecimento de uma familia... Sei de homens pois que deixam avultadas quantias para augmentar patrimonios de todos os generos... Nunca me constou... que alguem houvesse doado a casas de caridade grandes lavouras, sob a condição de apurar o espólio mediante a venda a longos prazos desses terrenos a numerosas familias de caboclos..."

Depois o autor considera o problema do professor. "O professor não gosta do campo, porque o campo é atrazado... mas o campo não progride porque o professor não lhe dá o seu enthusiasmo". Si elle foi feito para a cidade...

O systema de Sud Mennucci para divulgar o ensino primário no Brasil é, destarte, um todo harmonico, antes social que pedagogico, cheio de originalidade e de clareza. A posse da terra, a conquista do meio ás commodidades humanas, a formação do professor são as faces mais salientes do seu edificio. "No terreno da prática, escreve Sud Mennucci, a primeira dádiva a conceder ao meio rural seria destruir-lhe o isolamento... Um simples apparelho de radio obtido das administrações publicas ou mediante subscripção popular, collocado no ponto central do bairro, dar-lhe-á o informante minucioso e quotidiano das coisas e acontecimentos da terra, ao mesmo tempo o recreio costumeiro dos habitantes... O radio substitue o jornal com vantagem, — Sud Mennucci é jornalista... — alcança a população analfabeta, chega na mesma hora aos pontos onde os jornaes levam dias a chegar; junto com o radio, a energia electrica".

Sud Mennucci no seu livro, indica, pois, de maneira realmente superior, todas as condições sociaes em que se define o problema considerado. E indica, com clareza, simplicidade, enthusiasmo, de maneira pratica, soluções modernas e possiveis. Deve receber o primeiro premio Alves."

Um pouco de amor, não é amor!

Animal Kingdon

Um film da RKO - RADIO

com Ann Harding, Leslie Howard e Myrna Loy

TOM Collier é um joven galante, espirituoso, que se divide entre as festas e uma casa editora, de que é proprietário. Embora ninguem duvide de sua operosidade, o facto incontestavel é que elle trabalharia muito mais e com maior efficiencia si denunciasse ás reuniões alegres de que se tornou um «fan» incorrigivel. Nada realmente poderá conseguir que desista de uma festa. Trabalha emquanto o labor não prejudica as suas distracções indispensaveis. A indole de bohemio, as suas relações com sêres de vida quasi que exclusivamente nocturna e alegre, o seu amôr pelas mulheres e pelo vinho, tudo isso obstava que imprimisse methodo á actividade e que fosse capaz de um emprehendimento tenaz e completo. Era um homem de enthusiasmos ephemeros; abandonava todas as obras que não produzissem resultados immediatos. Mesmo no terreno do amôr, todas as suas attitudes se resentiam desse aspecto de leviandade e inconstância. Amava uma mulher por dias, mas era incapaz de prolongar romances, de manter um sentimento profundo, um amôr duradouro. Dahi porque constituiu uma verdadeira surpreza o feito de Cecilia Henry, uma joven exquisita e elegante da sociedade novaiorkina, que obteve uma coisa inteiramente inédita, ou seja exclusividade sobre Tom. Dessa vez, não se tratava de uma aventura banal, cujo aspecto mais nitido fôsse a leveza, a inconsequencia. Tom mostrava-se verdadeiramente apaixonado e era com delicia que se abandonava á fascinação daquelle amôr e se deixava absorver. Quem ficou mais alegre com o facto foi seu pae. O pobre velho suppoz que a paixão florescente viria afastar o filho da vida dispersiva, estéril, do «cabaret», dos vinhos e das mulheres. A paixão serviria para consolidar-lhe o caracter, impondo-lhe uma consciência perfeita de suas responsabilidades. Todos os amigos de Tom celebraram o acontecimento com bom humor. Mas, em meio da bonhomia geral, havia uma alma, obscura e silenciosa, que, embora discretamente, soffria de maneira atroz. Era Daisy Sage — loura como uma filha do sol ou como uma filha da lua — e que fôra durante largo periodo a companheira de Tom. Não querendo assumir qualquer atitude imperativa, ella se fecha em si mesma, reduzida ao consolo das lagrimas interiores. A sua angustia torna-se ainda maior porque, fructo de sua união illicita com Tora, era a perspectiva de um filhinho. A pobre creança nasceria sem pae. Ella se desdobraria, divinizando o entezinho no culto de uma adoração perenne. Mas o affecto paterno jamais baixaria sobre a cabeça do innocente. Todavia, Daisy não deixa escapar uma queixa, um protesto. Tem um codigo proprio, para o seu uso particular, e segundo o qual um homem só se deve ligar a uma mulher quando ha, entre os dois, o vinculo mysterioso e sagrado do amôr. Extincto este, cessa automaticamente qualquer obrigação ou dever de fidelidade. Pensando e sentindo dessa maneira, ella não se oppõe ao casamento de Tom. Este mostra-se totalmente fascinado pela mulher. E' possivel que, de onde em onde, lastime a inexistência, no seu amôr á esposa, de qualquer resplendor de espiritualidade. Cecilia é um typo admiravel de formosura; possúe um corpo magnifico, quasi impeccavel nas proporções, e de medidas, por assim dizer, clássicas. Tom fôra amante sempre das coisas bellas, harmoniosas, decorativas; na sua casa editora, era capaz de perder horas na contemplação da capa ornamental de um livro. E Cecilia emocionára-o, sobretudo, pelo que tinha de bello, pela formosura esculptural. Em qualquer moldura, ella resaltaria com um relevo proprio, como uma nota maravilhosamente decorativa. Além disso, ella possúe como que uma aura estranha, um perfume de voluptuosidade sombria, uma emanação de flôr de peccado e, em summa, qualquer coisa de indefinivel e inquietante que mantinha o marido num estado permanente de sobreexcitação e desejo. Cecilia empenha-se, junto a Tom, para que este venha para Nova-York e venda a casa editora. Ella quer, em summa, maiores possibilidades economicas para que possa realizar os anhélos supremos do seu espirito frivolo. Um bello dia, tem logar, em casa de Tom, uma grande festa, de que participam as suas antigas amizades, inclusive Daisy. Esta não tarda a se arrepender, e bem amargamente, de ter comparecido. E' que, num intervallo furtivo da reunião, vira como Cecilia tombava, em deliquio, nos braços de um tal Owen. O facto horrorizou-a ainda mais, porquanto não havia, no desfallecimento de Cecilia, nem ao menos a attenuante do amôr que tudo eleva e tudo purifica. Ella offerecia-se por um impulso apenas de interesse, no desejo de que Owen ultimasse rapidamente as negociações para a compra da casa editora.

(Continúa na pag. 48)

SABBADO ALEGRE
DA PARAMOUNT
com Nancy Carroll e Cary Grant

A mesquinha ambição, a maledicencia, a sêde de escandalo, a dissimulação de pequenos casos os mais sordidos, — eis a atmosphera do villarejo a que deu uma imprevista agitação a hospedagem que Romer Sherffield, um mancebo de recursos, abertamente offereceu a uma corista de Broadway na sua residencia de solteiro.

Entretanto, a coristinha representa apenas, na sua vida, um episodio de nenhum relevo. Tanto assim que o rapaz, a quem não faz falta o dinheiro, logo a despede, acompanhada de um chéque de 10.000 dollars, quando percebe que Ruth Brock, empregada no banco da cidade, está sympathizando com elle. O chéque cancelado vae, afinal, parar ás mãos de Ruth e ella o compára com o magro chéque de 33 dollars que recebe cada semana e graças ao qual mantém seu pae, sua mãe e ainda uma irmã mais moça.

Romer observa que os empregados do banco e a filha do presidente do estabelecimento formam um só agrupamento social, e, como meio de se aproximar de Ruth, convida-os a todos para uma festa na sua residencia campestre, á beira do lago. Eva Randolph, a filha do banqueiro, Connie Billop, que corteja Ruth, Joe, Archie e muitos outros convidados, dos dois sexos ali de facto comparecem.

Romer procura causar uma impressão em Ruth e o consegue, mas a pequena lhe repelle os delicados galanteios, de cada vez que elle tenta apertar o cerco. Connie Billop convida Ruth para um passeio no lago, mas, quando a garota lhe repelle as investidas brutaes, elle a põe grosseiramente em terra, obrigando-a assim a voltar a pé á casa do amphitrião. Quando ali chega, já se retiraram todos os convidados, á excepção de Connie, que, na sua baratinha, anda por um lado e outro á procura della. Repousa alguns momentos Ruth, mas, quando um auto transpõe a entrada da residencia, immediatamente ella corre a esconder-se no interior. De nada isso lhe vale: um par de sapatos enlameados, reconhecidos pelo rapaz, indica a presença de Ruth por fórma illudivel. Connie tenta penetrar na habitação e assumir ares de paladino.

mas Romer de tal o dissuade, lançando mão de meios os mais energicos.

Rubro de despeito e de cólera, Connie regressa á villa resolvido a vingar-se de Ruth espalhando versões as mais escandalosas sobre o seu procedimento. Por outro lado, de um parque onde se acha em colloquio amoroso, Eva Randolph avista Ruth quando, cerca das duas da madrugada, o chauffeur de Romer a vae levar a casa.

Na sua habitação, Ruth tem a surpreza de ir encontrar o seu companheiro de primeiros estudos, agora um geologo formado, Bill Fadden, guapo mocetão, que acceitou a hospedagem offerecida pelo pae de Ruth até o dia seguinte em que partirá para a Montanha Negra afim de alli installar um posto de exploração. O rapaz sempre nutriu um secreto amor pela sua companheira de infancia e Ruth não deixa de ter por elle uma grande sympathia.

Vinte e quatro horas depois, no domingo, Ruth é o thema de todos os mexericos da villa, e logo no dia seguinte a despedem do banco. Recolhendo-se a casa onde espera encontrar conforto, sua mãe a cobre de tão crueis insinuações, de accusações tão injustas, que ella toma o carro da familia e segue para a Montanha, afim de se reunir a Bill. Chove a cantaros, e, já perto do seu destino, o carro encrava na lama. Debatendo-se por entre a floresta, Ruth alcança, afinal, exhausta, semi-morta, o acampamento de Bill. O geologo fal-a voltar a si, e os dois se promettem em casamento.

Os boatos que correm a villa, relativamente á conducta de Ruth, não chegaram aos ouvidos de Bill, mas de se encarregam mais tarde Eva, Connie e os demais, quando

(Cont. na pag. 45)

Captiveiro de uma mulher

Da FOX — com Dorothy Jordan e Alexandre Kirland

O dr. Nelson é o unico amigo com que póde contar Judy Peters. Condoído da situação da pobre pequena, contou ao juiz a historia daquella joven, com a esperança de que elle, sabendo a verdade dos motivos que levaram Judy a dar os primeiros passos na vida que levava, a livrasse de uma condemnação que ella não merecia. Referiu como a conhecera pela primeira vez, em um leito da Maternidade, na qualidade de medico. Não estranhava que raparigas como Dorothy, trabalhando rudemente um dia inteiro, sem affectos nem diversões que as defendessem da tentação, se rendessem ás tentativas criminosas de qualquer seductor, convencidas de que eram amadas.

Quando se viu desenganada nos seus sonhos de amor, Dorothy entrou para uma dessas instituições em que se albergam as creaturas nas tristes condições em que ella se encontrava. Nessas casas o trabalho é brutal e a alimentação escassa e má. Para infelicidade sua, Dorothy não goza da sympathia das suas companheiras, que lhe fazem toda a sorte de maldades.

A ultima dessas maldades consistiu em lhe arrancarem dos braços o seu filhinho, que era a sua unica consolação, para o entregarem a uma familia que immediatamente o adoptou. Dorothy cae, com essa crueldade, no desespero. Pratica as maiores loucuras e, num accesso de raiva, atira-se á mulher que lhe arrebatára aquelle pedaço do seu coração, o que faz que a encerrem num manicomio. Põem-na em liberdade, mas, devido ás más informações que déra a directora, Dorothy não consegue encontrar trabalho. E o seu calvario attinge o maximo quando seu filhinho é devolvido ao asylo e alli morre por falta de cuidados medicos. Todo o seu crime se limita em obedecer ao seu destino desgraçado. Para que elle tenha um termo, o dr. Nelson toma-a sob o seu amparo e na vida de Dorothy começa a apparecer a primeira réstea de sol.

OS APPELLIDOS DOS ARTISTAS CINEMATOGRAPHICOS

"COMO vae, "Mike"?

"Muito bem. E que anda fazendo você, "Dutch"?

"Veja quem vem lá: "Jumbo" e "Slim". Ha muito que os não tenho visto!"

Sôa como as expressões dum bando de guris reunidos atraz dum barracão, nos dias em que os rapazes se lançam appellidos por consentimento geral sem consideração aos esforços dos paes para honrarem a vida com o primeiro nome. Mas parece que esses appellidos esquisitos são frequentemente usados pelos mais famosos artistas de Hollywood para saudarem seus companheiros.

"Mike" não é outro sinão Lionel Barrymore, que foi baptizado com esse appellido por seus amigos, quando trabalhava no theatro. "Dutch" é um nome que era applicado a uma das principaes figuras romanticas da téla, Clark Gable, quando era ainda um joven magro

(Continúa na pag. seguinte)

OS APPELLIDOS DOS ARTISTAS CINEMATOGRAPHICOS — (Continuação)

que se entregava aos sports, na sua cidade natal.

Como consequencia do tempo que passou no circo, quando era "ama secca" duma duzia de elephantes, Wallace Beery adquiriu a alcunha de "Jumbo", como ainda o chamam muitos dos seus amigos intimos.

Quem quizer attrahir a attenção de Robert Montgomery só tem que gritar "Slim", e o actor responde immediatamente.

Os amigos de Ramon Novarro, e até membros de sua familia chamam-no "Pete" ha muitos annos, sem que o actor possa explicar a origem desse appellido mas assim mesmo sempre continúa a responder por elle.

Todas as vezes que alguma amiga de Joan Crawford quer fazer-lhe lembrar seus primeiro tempos no cinema, basta chamá-la de "Billie". Este nome não é propriamente um appellido, mas sim o nome com que foi baptizada.

John Gilbert é sempre chamado "Jack" por seus amigos e companheiros de trabalho. Si algum pandego quer que William Haines se torne aggressivo, é só chamá-lo de "Willie", nome que o actor detesta.

Jean Harlow, que provavelmente tem interpretado mais papeis de vampiro do que qualquer outra artista no cinema, foi appellidada "Baby" por seus paes desde que era criança. Alguem a ouviu falando por telephone nos studios e dizendo "Aqui quem fala é Baby". Seus collegas adoptaram immediatamente o appellido e assim a chamam desde então.

Gloria Stuart, da «Universal».

Os amigos intimos de Dorothy Jordan chamam-na, carinhosamente, de "Dotty". Anita Page é sempre "Nita" para

(Conclúe na pag. 48)

O INVEJOSO

(Adaptação de uma fabula do poeta latino Aviano)

UM bom homem vivia, com sua mulher e trez filhos, dos fructos de uma pequena herdade que cultivava. Como tinha o necessario, não ambicionava o superfluo. Não lhe faltava, como a qualquer de nós, preoccupações e contratempos, porém parecia sempre contente.

De indole bem differente era o seu vizinho. Este, homem sem familia, possuia um próspero vergel, cujos fructos vendia na cidade. E, embora com elles obtivesse mais do que o necessario para viver, queixava-se sempre, e qualquer coisa que o outro obtinha era para elle motivo de amargura... Si a colheita do vizinho era abundante, chorava de raiva, ainda que fossem abundantes os fructos das suas propriedades. Si a colheita do outro era escassa, tambem soffria invejando a sua paciencia, e o seu eterno bom humor.

Elle, que não tinha querido manter familia, invejava as alegrias do lar que o outro desfructava, e com bôa vontade teria derrubado, a golpes de machado, os tres filhos, que corriam alegres quando o pae regressava do trabalho.

Como o invejoso se queixasse de manhã á noite, invocando os deuses, Apollo, farto de ouvil-o, desceu á terra para interrogal-o.

Queixou-se, então, elle que os seus negocios corriam mal, sem resultados, ao passo que para outras pessôas, menos laboriosas, por exemplo o seu vizinho, tudo parecia correr bem.

Apollo, depois de ouvil-o, disse:

"Bem, estou disposto a soccorrer-te. Dar-te-ei o bem que me peças. Porem, advirto-te que o teu vizinho, terá o dobro de tudo quanto obtenhas. E isto não poderá prejudicar-te."

As primeiras palavras de Apollo, o rosto do injevoso se illuminou, porém ás ultimas, sua cara ficou livida. E, ao ver que elle se calava, Apollo disse:

"Como, não tens nada a pedir-me? E dizias que eras tão desgraçado? Hei de regressar sem que nada me peças?"

O invejoso reflectia. Quantas riquezas ambicionava! Mas o facto é que o seu vizinho ia receber o dobro. E preferia nada pedir.

Porem, subito occorreu-lhe uma idéa, e, com um sorriso, disse ao Deus que se dispunha a partir:

"Bem, faze-me defeituoso. E' tudo o que peço".

"Defeituoso?" — exclamou Apollo. E' possivel que desejes semelhante coisa?"

"Sim, replicou firmemente o homem. Meu vizinho terá o dobro do que eu tiver faz-me cego de um olho".

Apollo ficou silencioso, e disse:

"Bem, para sempre o teu olho direito ficará cerrado á luz divina."

E o homem invejoso ficou cégo de um olho.

"Bem, disseste que darias o dobro ao meu vizinho; faze-o, pois, cégo dos dois".

Ao que Apollo replicou:

"Como quizestes, ceguei-te de um olho; porem o mesmo não farei com os olhos do teu vizinho. Ao contrario, será prospero, assim tambem a sua familia e os seus bens."

"Oh! — exclamou, com ira o invejoso. — e dizer-se, que os Deuses não cumprem as suas promessas."

"Eu permitti, replicou Apollo, que escolhesses um bem que eu te concederia, com a condição de que o homem justo e bom recebesse o dobro. Ser cégo não é um bem. — Calla-te e não voltes a importunar os deuses. E si não te privo dos dois olhos é para que possas ainda ver a felicidade daquelle a quem invejavas tão injustamente."

Felizmente, para os invejosos de hoje, os deuses não mais apparecem. — PRADO MENDES.

Um pouco de amor, não é amor

(Continuação)

Aliás, a tactica invariavel de Cecilia, para a conquista dos maiores ou menores desejos, era o uso dos seus perturbadores encantos de mulher. Mesmo com o proprio marido, ella agia desse modo. Quando queria qualquer coisa e encontrava relutancia por parte de Tom, passava a adaptar certos e excessivos decotes, ou, então, accentuava, exalçava as suas fôrmas, tornando-se destarte, mais seductora e mais estranha. O marido exaltava-se naturalmente e ella se aproveitava dessa faúlha passional, que accendia, para arrancar todas as promessas.

Cecília só tem uma obsessão: é o dinheiro. Quer rodear-se de uma atmosphera de luxo, de opulencia e bom gosto e sabe, perfeitamente, que são precisos muitos dollars para a conquista dos ambientes requintados. No desejo de que Tom venda a casa editora, ella tem a lembrança de fazer uma ceia para dois no calor e na suggestão do proprio quarto. Com a sensibilidade caprichosa de mulher, compõe uma atmosphera perturbadora e que é favoravel aos seus designios. O quarto está, assim, embebido numa meia-luz acariciante; o ar contém os mais subtis aromas; cagoilas inivisiveis parecem espelhar perfumes de volúpia. Quando Tom entra, para a ceia, encontra a esposa envolvida num «negligée» que mais accentúa os seus relevos e exalça a sua esculptura. Tom sente-se estranhamente commovido ante á belleza da mulher. Não vê, mas adivinha brancuras estranhas, curvas palpitantes, claridades redondas de seios. Da propria cabelleira negra da esposa, desprende-se um mysterioso odôr, um odôr de peccado e de paixão. Mais tarde, restituido á serenidade, Tom faz a comparação da esposa — cuja belleza distilla veneno — com Daisy, a dôce amante esquecida. Emquanto Cecilia se despoja de qualquer scentelha de espiritualidade, Daisy altaneira, pura, resplendente, ideal, quasi extraterena na sua bondade infinita e no seu infinito amôr. Então elle comprehende o verdadeiro rumo que deve seguir. Abandona precipitadamente a casa, sem offerecer qualquer satisfação a Cecilia, e vae ao encontro de Daisy. Esta era, pelas affinidades indestructiveis de espirito e coração a sua verdadeira esposa, a esposa meiga e fiel, santa e incomparavel. Juntos viveriam nos sonhos e deslumbramentos de um amôr unico e absoluto — amôr animado por uma scentelha de eterno. Cecilia nada mais fôra do que uma aventura ephemera, gerada por uma perversão dos sentidos...

— Póde dizer-me a verdade, doutor, por mais cruel que seja. Estou preparado para tudo ouvir.

— Já que é assim, vou dizer-lhe: sua esposa vae escapar.

OS APPELLIDOS DOS ARTISTAS CINEMATOGRAPHICOS

(Conclusão)

seus paes e amigos do studio. Uma das peiores lembranças da meninice de Johnny Weissmuller é o tempo em que frequentava a escola quando era um garoto muito alto para sua idade. Seus collegas, por isso, o alcunhavam de "Estaca de feijão", tornando sua vida de estudante insupportavel.

Talvez o appellido mais famoso na industria cinematographica é o que deram a um certo "gentleman" nova-yorkino de nariz saliente e agora glorificado com o titulo de Jimmy "Narigudo" Durante. Jimmy era simplesmente Jimmy até quando, certa noite, foi visto por Jack Duffy no club "Alamo" situado no bairro de Harlem em Nova York.

"Eu queria saber como sôaria o espirro daquelle narigudo", exclamou Duffy. E desde então o celebre Jimmy Durante ficou conhecido por essa alcunha.

SABBADO ALEGRE

(Conclusão)

ao dia seguinte os dois jovens vão á villa fazer as communicações do seu noivado.

Bill condemna a menina sem a ouvir, e ella se resolve então a procurar abrigo nos braços de Romer que sempre lhe foi fiel. O rapaz leva-a para a sua casa e alli passam os dois toda a noite.

No dia seguinte, Romer e Ruth dirigem-se á casa dos paes desta, para annunciar-lhes, e a Bill que estão a caminho de Nova-York onde se casarão e gozarão a sua doce lua de mel.

Escriptores e livros

Nelson Tabajara de Oliveira — O ROTEIRO DO ORIENTE — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

IMPRESSÕES de viagens, livro de um reporter consular, isto é, de um jornalista que abraçou a burocracia do Itamaraty e que della fugiu para voltar á vida do jornal. Capetown, Port Elizabeth, East London, Durban, Lourenço Marques, Ceylão, Singapura, Saigon, Hong-Kong, Shanghai, uma deliciosa successão de paizagens, de f a c t o s, de curiosidades, fixadas com bastante propriedade pela penna do escriptor.

E, tambem, uma *azeda* queixa acerca de coisas que se passam nos bastidores do Ministerio das Relações Exteriores, entre velhos e novos funccionarios, numero que naturalmente não estava incluido no roteiro do viajante, porém que veiu a baila para maior curiosidade do leitor... Segundo o autor, entende a velha mentalidade burocratica que essa historia de trabalhos em terra alheia é pouco interessante, competindo apenas ao funccionario consular viajar; nada mais.

Espirito rebelde, talvez por descender de uma tribu guerreira, o sr. Tabajara não se adaptou ao meio, mas fez uma bella reportagem, o que já é alguma coisa.

A. S. Puckine — A FILHA DO CAPITÃO — Liv. Globo — P. Alegre — 3$5

UM magnifico romance de aventuras, que figura como segundo volume da *Collecção Globo*, cujo successo já tivemos ensejo de registar. Leitura attrahente, apresentação material impeccavel.

Puchkine é escriptor russo, que tem as suas obras traduzidas em varios idiomas.

John Buchan — OS 39 DEGRAUS — Liv. Globo — Porto Alegre — 3$5

A *Collecção Globo*, que acaba de ser lançada no mercado dos livros, representa mais um esforço victorioso da conhecida editora gaúcha. Ella compõe-se dos mais bellos romances de amôr, policiaes e aventuras, dos mais afamados escriptores, admiravelmente impressos e encadernados, que são vendidos por um preço ao alcance de todas as bolsas. E' a mais barata das collecções brasileiras, destinada a bater o *record* das ultimas edições que figuram nas montras das nossas livrarias. Este é o primeiro volume, dos seis publicados, e cujo autor dispensa elogios.

Oswaldo Orico — O CONDESTAVEL DO IMPERIO — Liv. Globo — Porto Alegre — 8$

O sr. Oswaldo Orico enveredou agora pelas obras historicas. Em curto periodo publicou quatro volumes, e já promette outro, para breve. E' mania que vae atacando uma bôa porção dos nossos escriptores, e, pela ligeireza de taes estudos, póde-se imaginar o valor dos trabalhos ultimamente publicados no Brasil a respeito dos Tigres, dos Demonios, dos Heróes e outras féras... O genero requer uma grande paciencia para a consulta de alfarrabios, meditação, cultura, aguda visão, emfim qualidades excepcionaes que não são vendidas por atacado. Mas, todo o santo dia apparece uma obra historica, que é como quem diz, cada um vae contando uma historia ou fazendo historia a seu geito. Positivamente, o mal precisa ser combatido com energia, pois é de um ridiculo que péde musica de Offembach (musica historica...). Um cavalheiro qualquer imagina escrever uma obra acerca de Rio Branco, por exemplo. Vae ao Itamaraty, photographa a cadeira onde o *chanceller* repousava o enorme corpo, cava meia duzia de retratos do menino, do moço, do velho, aqui, ali e acolá. Apanha um maço de correspondencia intima.

Copia trechos de alguns documentos publicos. Mistura tudo e tenta impingir a droga como coisa do *outro mundo*. Brada aos ceus!

No nosso fraco modo de vêr as coisas, tratase de um caso de policia. O sr. Max Fleis devia andar com apito na bôcca, dando o alarme para o governo controlar certas *obras historicas*, que estão a comprometter seriamente o bom nome do paiz e da sua gente. Que um cidadão entenda de arrazar Floriano, por exemplo, vá lá.

Que outro venha em defesa e grite: "O senhor fulano, autor do livro tal, é um idiota", está certo. Floriano foi o maior homem do Brasil porque fez Custodio dançar na corda bamba, etc. Muito bem. Cada qual pensa como quer, ou como póde. Porém, si um cavalheiro entende de escrever uma obra historica sobre Floriano, com o titulo de o "Marechal de Ferro", por exemplo, e começa affirmando que o illustre militar nasceu em Minas; que tinha pavor de andar sozinho pelas ruas estreitas e escuras do Rio antigo; que tinha medo de careta de diplomatas estrangeiros, e que morreu depois de ter completado a sua obra republicana, está visto que deante de taes disparates o confisco da obrinha se impõe.

Pois o simile não está longe da realidade, em face da literatura historica que ahi prolifera.

Os literatos historiadores, ou melhor, os historiadores literatos acabarão comprommettendo irremediavelmente a reputação dos poucos vultos integrados nos destinos do nosso paiz.

O que escrevemos atraz resume o nosso ponto de vista geral no encarar ás obras desse genero. Agora, vamos particularizar o que pensamos do livro do sr. Oswaldo Orico. O condestável do Imperio é Caxias. Por que? O autor explica depois de citar Nun-Alvares, D. Alvaro Pires de Castro, Chatillon, Montmorency. Mas, o baptismo não pertence ao autor do livro, e o herói militar, o politico, continuará a ser, para nós, Caxias, *tout-court*.

Não quer tambem o autor que a sua obra seja uma biographia.

"Contar a vida de Caxias é trabalho para uma vida."

De accôrdo. Mas, então o que aspira o autor? Fornecer ao publico uma leitura com raizes no passado, á maneira de folhetim historico? Talvez por isso, e por isso mesmo, o livro apresenta altos e baixos, despertando relativo interesse.

Benjamin Lima — ESSE JORGE DE LIMA! — Adersen, edts. — Rio — 5$

O volume contém uma advertencia inicial, do autor: "Parece que estou a ouvir: — *Esse Jorge de Lima!*..., por Benjamin Lima. Deve ser coisa de parentes... — Enganou-se o ironista! Os dois Limas, que se encontram aqui, vêm de pagos muito differentes; são caboclos de aldeias bem diversas, bem distantes. E não é sem algum desconsolo, não é sem uma vaga tristeza, que proclamo essa verdade. Faço-o, entretanto, como devo, para não compromet-ter mais ainda, pelas apparencias de uma suspeição, o valor, já de si tão problematico, deste livréco. Mas... que saudade prévia do boato desse parentesco! "Ensaio" qualifica-se o presente volume, á falta de expressão mais propria, e para que se não contrarie um hábito já consagrado pelos cultivadores do genero.

Agrada-me, porém, declarar que, mediante a mais lúcida, honesta e prudente das restricções mentaes, esse vocabulo se despója, na minha penna, de quanto lhe é, modernamente, pretenção, philaucia e dogmatismo, para voltar a ser um synonimo perfeito de "experiencia", e designar tão só, como outróra, uma série de attitudes do espirito, inquietas ou dúbias: curiosidade, sympathia, hesitação, timidez, incerteza. Qualquer coisa como um tactear, alvoroçado e alviçareiro, dentro de sombra que se ama. "Ensaio breve sobre o conjuncto da personalidade e da obra de Jorge de Lima." E' possivel que esse "conjuncto" seja uma demasia. Compensa-a, neutraliza-a, porém, aquelle "breve"; e o equilibrio se restabelece. Aliás, uma attenuante não faltará, de certo, para todas as possiveis ousadias desta brochura: sêrem de um critico sem preconceito, que se occupa de um artista sem escola."

Si a critica literaria de facto existisse no Brasil, a Benjamin Lima estaria reservado um esplendido triumpho nesse campo da actividade mental. Alliando á intelligencia uma cultura generalizada, Benjamin Lima se destaca nitidamente no quadro dos nossos intellectuaes, embora o público não possa ter uma visão de conjuncto da sua obra, pois ella anda esparsa pelas columnas dos jornaes. Mas, quem labuta na imprensa, quem se aproxima do autor deste ensaio, sabe do valor do seu talento, do fulgor, do brilho da sua penna.

A modéstia da apresentação do livro fica-lhe bem, mas não se justifica deante da belleza das paginas que escreveu. As demasias do enthusiasmo ao referir-se a certos espiritos ou as restricções injustas, melhor diriamos a ironia que por vezes atira, visando indiscutiveis valores nossos, debalde põe em cheque o seu mérito de critico, quando certo o faz com superior intenção. Neste livro, por exemplo, á pagina 55, o autor é irreverente para com uma figura brasileira da geração actual que, sem contestação, onde quer que appareça, merece acatamento e respeito, como espirito de classe. Isto aqui vae escripto apenas como um parenthesis, é claro. O autor consagra um volume a Jorge de Lima, grande talento, cuja obra, entretanto, ainda não fornece, pela contextura ou projecção, materia para um estudo critico. Como poeta, Jorge de Lima surgiu victorioso, portador de um processo proprio. Descobre-se-lhe, na poesia, algo de novo. No rythmo, na musica do verso, define-se um temperamento singularissimo, empolgante. O mesmo não acontece com o romancista e o critico. No romance a sua obra é indecisa ainda, e no campo da critica a sua acção manifesta-se como a de um elegante debuxador. Possivelmente, de futuro, numa escalada facil, o critico e o romancista talvez attinjam o plano em que fulge o poeta.

Mas, o livro de Benjamin Lima é simplesmente encantador, porque focaliza dois espiritos, dos maiores da minha geração, dessa geração que tem sobre os hombros o peso de uma grande responsabilidade no momento em que no Brasil se processa a renovação de todos os valores. Novos rumos politico-sociaes, novos horizontes para a nossa actividade literaria tambem. E os dois Limas, por certo, vão ficar registrados na historia do movimento literario actual, como expoentes que são da critica e da poesia modernas.

Hanns Gobsch — A LOUCURA DA EUROPA EM 1934 — Liv. Lello — Porto — 7$

O livro de Hanns Gobsch — *Wahar Europa 1934* — é mundialmente conhecido pelo titulo de *A loucura da Europa em 1934*, que figura na traducção portugueza. Como esclarece o autor, o trabalho representa uma visão e não um romance de chave. As suas personagens não são nossos contemporaneos, mascarados, mas representantes de certas concepções do universo, de orientação politicas e de correntes intellectuaes que, entrechocando-se, pretendem dar fórma e destino á Europa dos nossos dias. As pessôas e acontecimentos imaginados são de possivel occorrencia, não só num determinado paiz, mas em todos os paizes do mundo. O livro procura contribuir para a reconciliação dos homens e não para atiçar odios. Foi escripto para todos os povos e para todos os homens que se crêem para guias de povos. Dahi, talvez, o seu successo e a sympathia do acolhimento. O autor tem a visão do que poderá amanhã dar-se na Europa, onde nem a vontade de milhões de homens nem os esforços dos mais completos organismos que trabalham por um ideal de paz conseguiram obstar a um conflicto armado. O leitor tem a sensação de assistir a uma immensa loucura humana, á guerra de milhares de aviões destruindo, pelo fogo e pelos gazes, cidades inteiras. E, da confusão, da revolta das multidões que clamam pela Paz, nasce a luta para a defesa do solo patrio, como paradoxo terrivel, quasi incomprehensivel para o civilizado. Da literatura nascida da Grande Guerra, é dos livros mais interessantes.

V. de Almeida Jr. e Mario Mursa — O LIVRO DAS MAMÃES — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

E' necessidade urgente preparar as mães, para o encargo de criar os filhos; é indispensavel levar a todos os lares os ensinamentos da puericultura. Assim pensando, os autores deste livro organizaram um trabalho ao alcance de todos, cuja utilidade do publico reconheceu, esgotando a primeira edição mesmo.

Esta nova edição, bastante melhorada, será naturalmente disputada pelas mamãs e estudiosos do assumpto.

O REI DOS IDIOTAS

De CAMI

I

(A SCENA REPRESENTA UMA RUA)

KIP. — Olha, Kup: aqui ha um annuncio que nos interessa. (*Lê no jornal*). "Gargalhadas Film... Precisa-se urgente artista pessôa cara de idiota para filmar super-producção intitulada *O Rei dos Idiotas*. Comparecer studios de Charenton. Cabeças expressivas e rostos intelligentes, inutil apresentar-se."

Kup (*enthusiasmado*). — Magnifico! Dedicar-nos-emos ao cinema sonoro!... Acompanha-me, Kip... Afinal, realizarei meu sonho! Mas... antes de tudo: achas que eu sou o typo ideal indicado no annuncio?

Kip (*solenne*). — Si a justiça não é uma palavra vã, serás immediatamente contractado!

II

(A SCENA REPRESENTA UM STUDIO CINEMATOGRAHICO)

KUP (*ao "regisseur"*). — Venho por causa do annuncio e espero que...

Regisseur. — Muito bem. Sente-se nesse banco, junto aos outros candidatos. Com o senhor já sobe a cento e trinta e nove o numero de postulantes.

Kup. — Cento e trinta e nove? Ssrá melhor que eu me retire, então.

Regisseur. — Não. Por que?... O senhor não parece menos idiota que os outros... Talvez o director de scena o escolha (*A Kip*). Outro candidato... O senhor perde o tempo, amigo... Não tem cara de idiota! (*Retira-se. Kip e Kup sentam-se*).

Um candidato (*preoccupadissimo. A Kip*). — Ah! O senhor reaviva minhas esperanças. Entre o senhor e eu, o director me escolherá a mim!...

Kip. — Interessa-lhe muito ser o Rei dos Idiotas, senhor?

Candidato. — Este contracto constitue minha ultima grande esperança. Sou o unico arrimo de numerosa familia... Possuo titulo de doutor em Philosophia e Letras... Esta época é muito difficil para os intellectuaes... Lendo o annuncio, pensei: "E por que não?..." Meu physico privilegiado póde ajudar-me a capear o temporal da miseria... Ah, si me consagrassem Rei dos Idiotas!...

Regisseur. — Attenção, senhores!... Ponham na cabeça as corôas que distribui. O director virá fazer a escolha.

Director (*Entra. Lança um rapido olhar á sala. Detém-se deante do primeiro candidato*). — Linda cabeça de cretino! Mas não tem comicidade... Precisamos de um idiota sympathico. (*A outro*). Magnifica expressão de estupidez!... Falta-lhe, porém, hierarchia artistica. Não serve. (*A outro*). Soberbo! Este é um idiota de verdade!... Felicito-o, amigo!... Mas, por emquanto, não me serve. Para outra pellicula, talvez. O senhor tem um defeito: sua idiotice é excessivamente plebéa.

Um candidato avantajado (*adeanta-se e entrega ao director uma carta de recommendação*). — Senhor: nesta carta se certifica que sou um idiota. Está assignada por todas as pessôas a quem servi como criado...

Director. — A carta não mente. O senhor tem, realmente, uma graciosa expressão de estupidez. Le-

(*Continúa na pag. seguinte*)

varemos isso em conta para a escolha final.

Candidato (*com voz angustiada*). — Eu poderia caracterizar-me convenientemente, senhor... Sou um homem muito culto. Formado em Philosophia e Letras... Tenho profundos conhecimentos do theatro grego... Além disso, preciso trabalhar... (*Enxuga uma lagrima*).

Director (*commovido*). — Bem... Contractal-o-ei como comparsa. O senhor será um dos subditos do Rei dos Idiotas. (*Continúa a inspecção dos candidatos*).

Regisseur (*terminada a revista*). Senhores: o director regressará dentro de alguns minutos e estudará os candidatos para indicar definitivamente o Rei dos Idiotas.

Kup. — Eu serei o escolhido! Contractar-me-ão!

Um candidato nervoso. — Não tenha illusões!... Sua cara não é de idiota!

Kup (*voltando-se, indignado*). — Como? Atreve-se a sustentar que minha cara não é estupida? O senhor diz isso por pura inveja! Apenas. Repita-o, si tem coragem!

O candidato nervoso. — Sim: o senhor tem uma cara de intelligente!

Kup (*fóra de si*). — Cara de intelligente? Eu, eu?!...

Kid (*procurando acalmal-os*) — Não se exalte, Kup!...

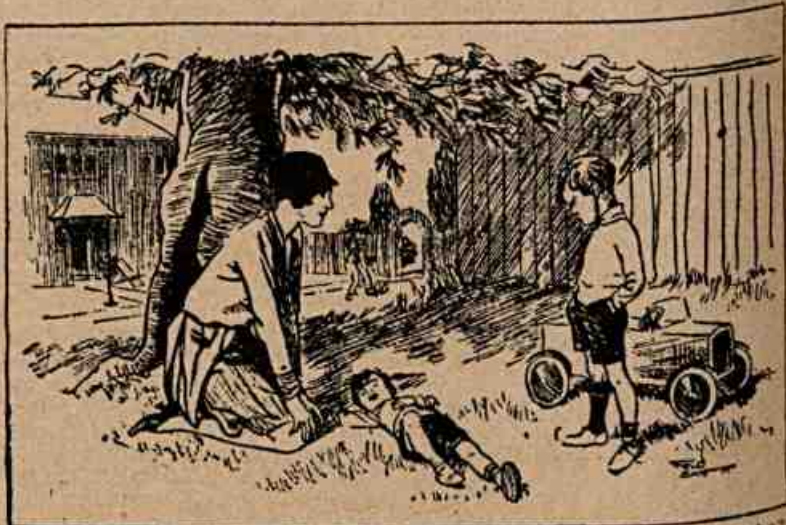
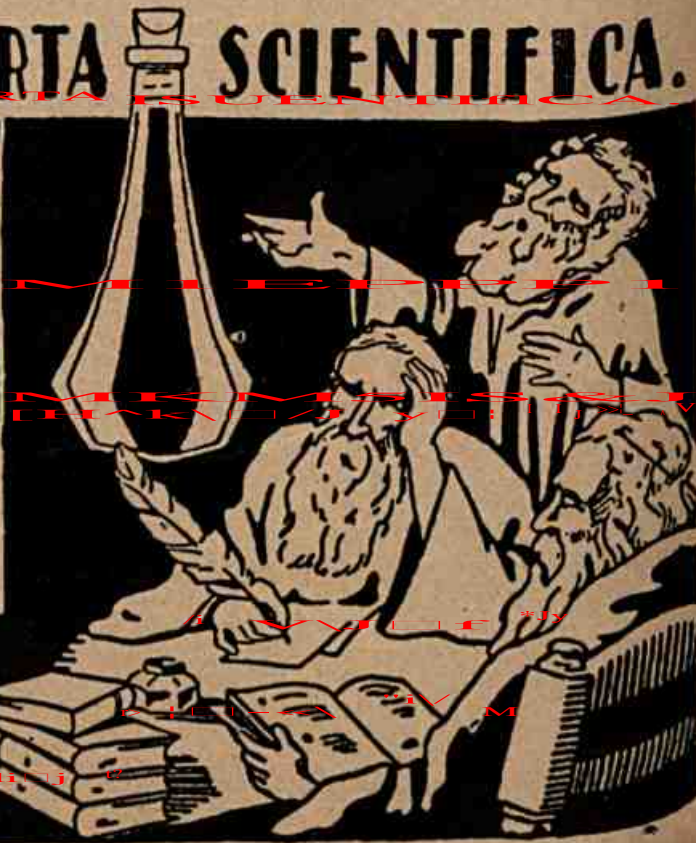
Kup. (*depois de derribar seu*

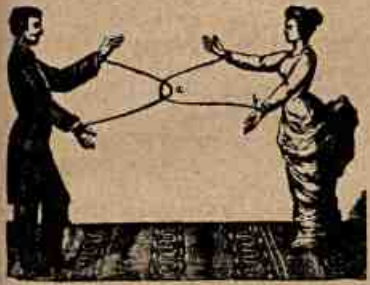
O REI DOS IDIOTAS

(*Conclusão*)

adversario). — Não!... Primeiro elle terá que pedir-me perdão e confessar que mentiu!... Fale!... Reconhece que tenho cara de idiota? Sim ou não?...

O candidato nervoso (*resignando-se*). — Sim... Peço-lhe desculpas por ter dito que o senhor tinha cara de intelligente... Confesso que tem cara de idiota.

Kup. — Bem... (*Solta sua presa*). — Por esta vez acceito suas desculpas. (*A Kip*). Reagi violentamente, porque sou um cavalheiro. E um cavalheiro não póde permittir que o insultem! Eu tolero qualquer coisa, mas não podia tolerar que esse typo me chamasse de intelligente!... (*Dirigindo-se a todos os candidatos*). Ninguem é mais idiota do que eu! Ouviram? Ha algum outro que se considere mais idiota do que eu? (*Silencio geral. Kup flexiona os braços, levanta os hombros e vae sentar-se, cheio de orgulho.*)

A mãe. — Quanto tempo levaste para fazer dormir o teu irmãozinho?
Juquinha. — Ora, um "round", apenas!

AMARRAÇÃO INDIANA

DOIS individuos pedem a um espectador para que os prendam um ao outro por meio de duas fitas cruzadas, atando-lhes as extremidades dos pulsos, como indica a gravura, prevenindo-o ao mesmo tempo de que tal amarração de nada servirá, porque elles, sem

desatar a fita, são capazes de se desligarem, bastando para isso occultarem-se por um momento.

Para que se verifique bem que não é preciso desfazerem os nós dados pelo espectador, convidam este a que, com lacre e sinete, ponha um sello de segurança sobre as laçadas que tiver feito.

Depois de ligados, como fica indicado, os dois individuos occultam-se por um momento, numa sala proxima, ou fazem descer um panno na sua frente. Levantado em seguida o panno, apparecem, como prometteram, desligados.

Mostrando os nós com que as fitas estão atadas aos pulsos, a assistencia verifica com pasmo que se acham intactos.

Eis a solução do problema:

Um dos individuos toma entre o dedo polegar e o indicador da mão direita a parte da fita que o prende, no sitio em que se cruza com a outra, e fal-a passar dobrada num trajecto de traz para deante, entre o punho direito do seu vis-a-vis e o braço que rodeia o mesmo.

Basta que o segundo individuo passe o pulso pela argola que a fita fica formando para que a operação esteja terminada e ambos soltos.

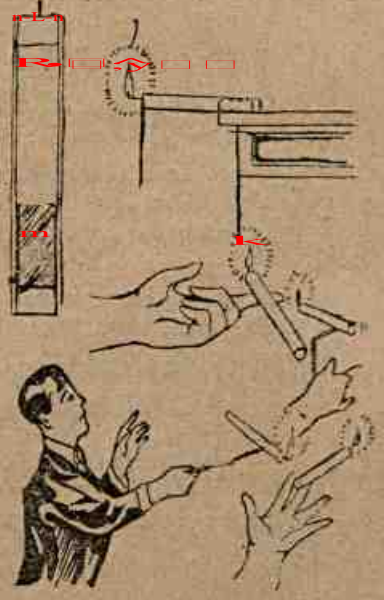
Observe-se a figura.

* * *

A VELA OBEDIENTE

EFFEITO:

O prestidigitador vem de acabar uma série de experiencias com velas. Elle toma uma de um castiçal e a colloca verticalmente sobre um lampeão.

Accende-a e, sem apagar, a colloca horizontalmente no bordo do lampeão em questão, e a vela não cae. O prestidigitador apanha-a e é a parte onde se acha o pavio que elle colloca sobre o bordo do lampeão; a vela permanece em equilibrio horizontal. De todas as maneiras, tão bem sobre a mão do artista como sobre sua vara magica, a vela, acesa ou apagada permanece em equilibrio.

EXPLICAÇÃO:

A vela é um tubo de papel branco resistente, fechado dos dois lados com um pequeno pedaço de vela enfiada á força. Far-se-á correr um pouco de cêra em volta dos dois pedaços.

Um pedaço de chumbo cylindrico circula no interior da vela-tubo. Seu tamanho é mais ou menos o terço da vela-tubo. V verá V mesmo, depois de confeccionar as diversas posições que a podemos fazer occupar com um pouco de engenho e astucia.

B R A S I L

BRASIL, eu te amo porque os teus rios são grandes e maravilhosos! Ha um poema lindo nos rios que correm cantando entre serras, em procura do oceano sem fim. A cachoeira de Paulo Affonso deslumbra pela grandiosidade espumante das suas aguas brancas e marulhantes.

* * *

Terr brasileira. Terra roxa e dadivosa onde o café é bom como um beijo quente. Terra roxa onde as mulheres são lindas morenas. Terra onde os poetas cantam, sob a luz do sol e sob a caricia dos olhos das mulheres.

* * *

Minha terra de palmeiras onde canta o sabiá, onde os bosques são cheirosos e onde o céo é cheio de estrellas. Parece que Deus te cobriu de todas as bençãos, pondo no esmalte esplendoroso do teu céo a joia faiscante do Cruzeiro do Sul...

* * *

Eu te amo, de joelhos, meu Brasil, pela belleza dos teus rios, pela graça das tuas mulheres e pelo brilho das tuas estrellas! Brasil gostoso, eu te amo! Deante dos meus olhos, a Avenida Rio Branco. Como tudo é bello! Ilha de Paquetá. Eu vejo tambem o Pão de Assucar. E alem, no alto do Corvocado, a figura suave de Jesus, entre nuvens.

* * *

Brasil, tu és grande!

No teu seio, vibram as aguas impetuosas do rio Amazonas. Brasil, tu és sublime.

Eu me ajoelho deante do cruzeiro que illumina a imagem gloriosa de Ruy Barbosa.

Ruy Barbosa foi digno de ti. Elle disse da tua grandeza e da intelligencia de uma raça.

Ruy Brbosa foi grande como os teus rios e as tuas montanhas.

PAULO FREITAS

ESPIRITISMO — Oh, olhem! Um cabello que sáe do meio da mesa!
Certamente, é o espirito de Mario!
— Impossivel! Elle era calvo...

O SUBTERRANEO MYSTERIOSO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

CAPITULO I

UM PROBLEMA INSOLUVEL

Estava-se na manhã de um grande dia de festa. A luz acinzentada de um nevoento dia penetrava pelas janellas de uma casa rica da cidade. Os criados, se bem que habituados em taes dias a verem os patrões levantar-se tarde, começaram a admirar-se, sendo quasi meio dia, de não ouvirem o menor ruido no quarto de dormir de lord Dempson e de sua mulher lady Maud.

— Eu vou ver devagarinho, disse um criado para os outros já inquietos, se é possivel da varanda espreitar para o quarto dos nossos patrões.

E emquanto dizia isto, Mathias Elgood alcançava por uma magnifica escada a varanda que se estendia pela fachada do palacio, e, pé ante pé, dirigia-se á primeira janella. As cortinas estvam corridas, tornando-se impossivel ver qualquer coisa.

Mathias continuou avançando com o maior cuidado até alcançar a outra janella. Nesta a cortina estává levantada e poude, portanto aventurar um golpe de vista. Mais eis que cambaleia e entre a surpreza e terror lança um grito de espanto.

— James!... Harry!... chama com uma voz entrecortada pela commoção, ficando estupefacto com o terrivel espectaculo que se lhe acabava de deparar.

— Que tens? porque gritas dessa maneira? perguntaram os outros criados correndo precipitadamente ao seu encontro.

— Meu Deus! Vejo sangue, sangue!

Então os criados espreitaram pela fenda da cortina.

— Sangue! gritaram pallidos e aterrados.

— Foi um assassinato! exclamou um. E' urgente arrombar a porta. Pode ser que ainda vivam.

— Isso não! ordenou Mathias. Ninguem toque nas portas, nem nas janellas.

E com os olhos rasos de lagrimas deu as suas ordens: a um dos criados mandou procurar o commissario, outro á casa do juiz de paz e o terceiro á casa do medico, recommendando que fossem o mais depressa possivel.

Entretanto, fiel no seu posto, ficava diante da porta do quarto. Parecia transformado numa estatua. Não podia comprehender o que se tinha passado.

D'ahi a pouco ouviram-se passos na ante-camara. Mathias ainda tremulo de susto foi ao encontro dos recem-chegados. Eram policias. Pararam em frente do quarto.

— A porta está fechada por dentro, disse um delles procurando em vão abril-a. Mande chamar um serralheiro.

Neste instante chegava este, seguido do commissario que acompanhava o medico e Sherlock Holmes, o celebre policia.

Já o serralheiro tinha começado o arrombamento, quando Sherlock Holmes lhe arrancou das mãos a ferramenta.

— Espere! Isso não vae a matar. E' necessario todo o cuidado, disse ao operario num tom amavel mas imperativo.

Passado pouco tempo abriu-se a porta.

Logo á entrada depararam com um espectaculo aterrador.

Meio cahido sobre o leito, o lord encontrava-se prostrado num verdadeiro mar de sangue; a camisa e o cobertor estavam ensopados. O rosto terrivelmente desfigurado. Do craneo despedaçado sahiam-lhe os miolos. A cama estava numa completa des-

(Continúa na pag. seguinte)

ordem. Um rapido relance de olhos bastou a Sherlock Holmes para concluir que uma terrivel luta se tinha travado.

O celebre policia pediu ao commissario e aos agentes que ficassem cá fóra e sozinho entrou no quarto. Lady jazia tambem morta no leito. Tinham-lhe enrolado um cordão ao pescoço e apertado por meio de um pausinho.

— E' preciso um pouco de paciencia, meus senhores, deixem-me proceder ás primeiras investigações, para vêr se posso encontrar algum rastro dos criminosos. Seriam inuteis todos os seus esforços depois de aqui terem entrado e remexido tudo. Mylord e milady foram assassinados; sobre isto não resta a menor duvida. Precisamos portanto descobrir os autores desse terrivel crime. A propria intervenção do medico é, por emquanto absolutamente desnecessaria. Apenas lhes peço que não deixem sahir ninguem do palacio.

E, dizendo isto, Sherlock começou as suas pesquizas com a sua habitual minuciosidade.

Examinou as portas e as janellas, observou o soalho travéssa por travéssa, emfim procurou por toda a parte algum vestigio revelador. Mas tudo isto foi trabalho inutil! Esperava encontrar qualquer rasto sanguinolento que lhe servisse de pista. Mas, nada! Recomeçou as suas investigações, inspeccionando tudo detalhadamente. Mas sempre nada! Nenhum indicio lhe revelava que tivesse entrado no quarto qualquer outra pessoa que não fossem os assassinados. Dirigiu depois toda a sua attenção para o cordão que envolvia ainda o pescoço de lady Maud: nada apresentava de extraordinario. Por fim, armado de uma lupa, observou minuciosamente o soalho junto do leito, mas não descobriu o menor vestigio de calçado.

O assassino devia ter praticado o crime com uma rara habilidade. Quem quer que fosse, sem duvida, estava ao facto dos habitos da casa. Como conseguiria entrar no quarto de dormir e sahir sem ter sido visto por alguem? Sherlock Holmes custava a comprehender um tal mysterio. Portas e janellas, tudo estava rigorosamente fechado. A chaminé não podia dar passagem a um homem. Além disso, o carvão e a madeira que o fogão ainda continha não deixariam de indicar as pégadas de quem se servisse deste meio de passagem. Quanto ao soalho, ao tecto e ás paredes, nenhuma fenda ou abertura apresentavam. Afastou tambem a hypothese de uma entrada secreta, visto que as paredes não pareciam ôcas em parte alguma.

Pela primeira vez na sua vida, o grande policia abanava a cabeça. Achava-se na presença de um verdadeiro enigma.

O resto dizia respeito á justiça. O commissario lavrou o auto de corpo de delicto e interrogou os criados que não puderam fornecer esclarecimento algum; o medico reconheceu officialmente o obito dos esposos Dempson...

A policia tomou posse dos cadaveres e despediu todo o pessoal do palacio, sendo selladas as portas, incluindo a da entrada.

CAPITULO II

A BELLEZA DIABOLICA

Era o dia de recepção em casa da senhora Likeness, uma das sobrinhas do lord. Entre os convidados notava-se Sherlock Holmes e um joven procurador de justiça chamado Charles Whiteley. Estes dois homens, afastando-se dos outros convivas, tinham travado uma animada conversa.

— A nossa encantadora lady Likeness está esta noite encantadora, disse Whiteley, que havia momentos não deixava de lançar os seus olhares admirativos sobre a gentil dona da casa.

...rlock Holmes sorriu. A sua larga experiencia ...o tornado indulgente e perdoava á juventude ...vairada fascinação da soberana belleza.

...rles Whiteley acaba de ser transferido da pro... para Londres. Era o primeiro baile a que ...ja nesta cidade e encontrava neste salão a flôr ...istocracia do bairro onde habitava a lady.

...joven Charles devia ter um futuro brilhante, o ...orte era agradavel e a sua reputação excellente. ...io de taes predicados era portanto muito dispu... pelas mães anciosas em arranjar um bom par... para suas filhas.

— Lady Likeness é mais nova uns sete annos do ... senhor, respondeu o policia. A sua fortuna ...nde. Emfim, é uma mulher que guardará a ... de um marido.

...hiteley corou.

— Sempre gracejador, senhor Holmes. Além das ...s qualidades que necessitaria possuir para afas... nuvem de rivaes que cortejam esta notavel bel... faltam-me os pergaminhos de nobreza e julgo ...ita é uma condição essencial para aquelle que ...r ser seu marido.

— Tenho as minhas duvidas a esse respeito, res... ao policia. Nesse caso, nós, e eu sobretudo. ...os sido convidados para este baile? Não somos ...!

O joven procurador olhou Holmes com certa admi...

— ...certo, tem toda a razão, balbuciou Charles, ...ue me diz respeito. Mas como conseguiu o ... Holmes ser convidado?

— Oh! meu caro, pois julga por acaso ser o unico ...irar a encantadora lady? Com respeito ás exi...s de nobreza que o senhor attribue á senhora ... acho-as exaggeradas. Julgo-a demasiadamente intelligente para se sacrificar ao vão desejo de usar um titulo retumbante, mas ôco — e quasi que apostava que ella levantaria orgulhosa a sua linda cabeça si se chamasse por exemplo... Mistress Whiteley.

— Oh! senhor Holmes!

— Perdão, meu caro procurador geral. Não me atreveria a falar-lhe assim se não estivesse persuadido que alguma coisa ha de verdadeiro nas minhas palavras. Não resta duvida que a lady manifesta pelo senhor uma certa sympathia.

Os olhos de Whiteley encheram-se de alegria.

— Oh! não pode calcular, senhor Sherlock, quanta satisfação me deram as suas palavras.

— E com razão, caro senhor Whiteley, continue, disse o policia sorrindo.

O seu olhar era estranho e indicava alguma secreta intenção.

— Conhece os ascendentes e as condições de vida da senhora Likeness?

— Sei como toda a gente, respondeu o genial criminalista, que é sobrinha de lord Dempson que foi assassinado ha perto de 6 mezes do modo mais mysterioso do mundo. A sua grande fortuna coube a lady, sua unica herdeira, que aproveitou essa riqueza de fresca data para criar uma vida cheia de ostentação e grandeza. Pode-o fazer certamente. O seu capital é inexgotavel e o futuro marido desta bella senhora pode considerar-se um dos homens mais ricos da cidade.

— Ella não tem parentes?

— Nenhum.

— E seu tio?

— Foi assassinado, assim como sua tia.

Whiteley fixou no policia um olhar interrogativo.

(Continúa na pag. seguinte)

— Não se sabe, respondeu Holmes encolhendo os hombros. Não foi possivel encontrar o menor vestigio apesar das mais completas e minuciosas pesquizas.

— Era o senhor Sherlock que se devia encarregar dessa investigação. O seu instincto tão seguro e a sua intuição sempre tão viva...

— Isso tudo empreguei. Mas, pela primeira vez na minha vida, isso a que o senhor chama o meu instincto, falhou. Não consegui encontrar a menor pista. Esbarrei num enigma, cuja chave, já agora, não espero encontrar.

— Isso não é possivel?

— E' infelizmente verdadeiro!

— E o sr. Sherlock certamente está aqui, se m'o permitte, na esperança de descobrir algum indicio que lhe possa servir de pista para descobrir o autor de tão nefando crime?

— Quem lhe disse tal? respondeu o genial criminalista num tom de indifferença e com o seu rosto impenetravel. Estou aqui simplesmente para me divertir, como ainda ha pouco tive a honra de lh'o affirmar.

"Vê, portanto, que se enganou redondamente na sua supposição.

— Mas é necessario descobrir o assassino!

— Era preciso, emendou o policia sorrindo. Mas não resta a menor probabilidade na descoberta. Fez-se tudo quanto se podia fazer e tudo foi baldado. Mas, deixemos isso. Não quero de modo algum que taes apprehensões venham obscurecer ou minorar a alegria duma tão bella festa e apagar-lhe o enthusismo de fazer a corte a lady Likeness.

— E' certo que os encantos da sobrinha de lord Dempson me seduzem e deslumbram, que me sinto attrahido para ella por uma força irresistivel. Mas quanto maior é a paixão, maior deve ser a resistencia opposta pela razão.

Alem de que, emquanto o assassino de lord Dempson e de sua mulher não fôr descoberto esforçar-me-ei por me não esquecer de tão terrivel acontecimento.

Nesse momento a lady, sahindo duma sala contigua, avançou para os dois homens.

— Oh! minha senhora, balbuciou este extremamente perturbado pelo olhar de lady Likeness, dançar! eu procurador da justiça do reino.

— Mas que loucura interrompeu ella com vivacidade. Não terá, por acaso, um titular dum cargo importante o direito de se divertir? Offereça-me o seu braço e conduza-me ao salão, peço-lhe.

Whiteley achou-se um tanto embaraçado.

Empregára a moça no seu pedido tanta firmeza e doçura que o procurador não poude resistir.

— Obedeço, minha sra. respondeu Charles Whiteley.

Radiante, lady Likeness descançou no braço do joven procurador a sua mão enluvada e approximou-se delle. Ao contacto deste adoravel corpo de mulher, um sangue mais quente correu em suas veias, emquanto o som duma voz melíflua e acariciadora o fazia estremecer de voluptuosidade e o commovia de prazer.

E nos olhos do seu par, tão cheio de belleza e elegancia, o sr. Whiteley julgou ver o que ha muito desejava, a expressão dum amor correspondido.

— E então...

— Sim, finalmente...

Entraram na sala do baile.

A musica embriagou-os com o seu rythmo voluptuoso. A senhora Likeness reclinou o seu busto nos braços do seu convidado e começaram a dançar.

Nada mais existia para Whiteley, nem os olhares sorridentes da assistencia, nem os seus applausos discretos. Era este o dia mais feliz da sua vida.

Não via senão a lady nos seus braços e o seu encantador rosto corado e resplandecente de belleza e de mocidade. Gozava, em toda a sua plenitude, o encanto da musica e a voluptuosidade destes momentos tão deliciosos quão breves e fugitivos.

Entretanto, Sherlock tinha chegado sem ruido á porta do salão e os seus olhos cinzentos pousaram demoradamente sobre este par encantador.

Uma expressão estranha, um mixto de triumpho e de melancolia, tinha invadido a physionomia do genial criminalista.

Que descoberta teria feito o habil policia, que pudesse animar assim o seu rosto de ordinario tão frio como o marmore?

CAPITULO III

A TEIA DE ARANHA

Encontrava-se o joven procurador no seu gabinete de trabalho, mas o seu espirito estava longe dali. Não podia desviar o pensamento da senhora Likeness e da morte mysteriosa de seus tios.

Todas estas preoccupações de tal modo lhe invadiam o espirito, que se viu obrigado a renunciar a todo e qualquer trabalho, emquanto não tivesse idéas claras sobre estes assumptos.

E a recordação mais penosa consistia na presença do policia amador no ultimo baile. Nunca semelhante convidado se deslocava sem um motivo serio e poderoso.

Conhecia bem o notavel agente que não perdia o seu tempo em semelhantes festas.

Estava ainda mergulhado nestas meditações quando lhe annunciaram Holmes.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.....	(52 ns.).....	48$000
Semestre	(26 »).....	25$000

(Registada)

Anno.....	(52 ns.).....	70$000
Semestre	(26 »).....	36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.....	(52 ns.).....	78$000
Semestre	(26 »).....	40$000

(Registada)

Anno.....	(52 ns.).....	116$000
Semestre	(26 »).....	60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Lewindray Rue Trenchet, 9 — França — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

ORF LÉNE

Liquido

O MELHOR E MAIS PRATICO

conserva os cabellos sedosos e facilita a ondulação permanente

Distribuidores para todo o Brasil

GRAÇA & AMÉRICO Ltda.

Rua Sete de Setembro, 86 - 1.º A. Rio

A venda nas boas casas de Cabellereiros e Perfumarias: taes como

Perfumaria de AMÉRICO & CIA.

Rua Sete de Setembro, 93 — Rio